



CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

MARIA TEREZA DE ÁVILA MELO

**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA *SULANCA* EM SANTA
CRUZ DO CAPIBARIBÉ-PE**

CAMPINA GRANDE- PB
2016

MARIA TEREZA DE ÁVILA MELO

**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA *SULANCA* EM SANTA
CRUZ DO CAPIBARIBÉ-PE**

Dissertação apresentada para banca examinadora a ser defendida por exigência do Programa de Pós-graduação de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientador: Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva

CAMPINA GRANDE- PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

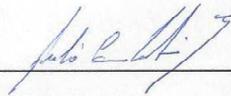
M521d Melo, Maria Tereza de Ávila
A divisão sexual do trabalho na produção de sulanca em Santa Cruz do Capibaribe - PE [manuscrito] / Maria Tereza de Ávila Melo. - 2016.
99 p. : il. color.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva, Departamento de Psicologia".
1. Divisão sexual do trabalho. 2. Relações de gênero. 3. Trabalho feminino. 4. Relações de trabalho. 5. Desigualdade de gênero. I. Título. 21. ed. CDD 331.12

SEBASTIÃO MAURICIO DE MELO

**HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO: O PAPEL DO DIÁLOGO NA FORMAÇÃO
DO INDIVÍDUO**

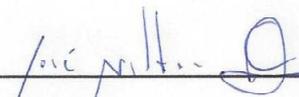
Trabalho de conclusão apresentado
ao programa de Pós-graduação em
Filosofia da Educação (PGFILE) da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisitos parcial à obtenção
do título de Especialista em Filosofia
da Educação.

Aprovada em 22/08/2016



Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB

Orientador



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB

Examinador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB

Examinador

Agradecimentos

Agradeço a DEUS, pela vida, fé, e resiliência concedida, fundamental para vencer os obstáculos e as mais diversas dificuldades em todos os momentos, mas sobre tudo desta etapa.

Essa situação só se tornou real devido a uma construção, que ao mesmo tempo é individual e coletiva, resultada de um longo caminho nascido a partir de ideias compartilhadas, indicação de leituras e reflexões, de todos e todas grandes professores e professoras que me conduziram até aqui, mas principalmente, é fruto da dedicação que obtive no período de orientação, assim fica registrado meu agradecimento ao Professor Dr. Edil Ferreira Silva.

Às professoras membros da banca: Dr^a Idalina Maria Lima Freitas Santiago e Dr^a Euda Kaliana Gomes Teixeira Rocha. Muito obrigada pela disponibilidade, pela atenção e contribuições referentes a esta pesquisa. Aos professores do Curso de Pós Graduação em Serviço Social desta Universidade, verdadeiros mestres na arte de ensinar. Agradeço a todos os homens e as mulheres que disponibilizaram seu precioso tempo para me ouvir e, conseqüentemente, participarem da pesquisa, relatando assim suas vivências profissionais, pessoais, suas necessidades e anseios.

Não poderia deixar de registrar aqui os meus agradecimentos à turma do mestrado (2014), mas em especial aos meus amigos Chris, Edi, Marina e Josi com os quais compartilhei os sabores e dissabores da pós-graduação. Tempos que seguramente deixarão saudades, mas estamos todas e todos esbanjando sorrisos por mais uma etapa concluída.

Agradeço a Luciana Lisboa grande companheira e amiga desde a graduação até hoje e à minha amiga karol que também desde a graduação passando pela seleção para este mestrado e até os dias atuais me incentiva a me dedicar aos estudos, e é para mim modelo exemplar como pessoa, estudante, profissional e amiga.

Agradeço de forma bastante especial aos professores Idalina, Josi e Edil pela sensibilidade ao dispensarem forças para compreenderem a interferência de minhas questões particulares e minhas limitações, sempre me entusiasmando e passando orientações para que eu pudesse superar e conseguir vencer as dificuldades até a conclusão desse processo.

Agradeço especialmente à Geralda, minha mãe, por ser esta pessoa tão fantástica que nunca mediu esforços para educar e manter a mim e minhas irmãs da melhor forma possível; sou muitíssimo grata pelo seu amor incondicional e pelo seu exemplo como

mulher. Agradeço também a minha vó – mãe Zefinha –pois é para mim sinônimo de alegria e sabedoria por ter se comprometido em ajudar minha mãe quando nós, minhas irmãs e eu, éramos tão pequenas e depois disso sempre que precisamos.

Quero também deixar aqui agradecimentos às minhas irmãs Ana Brígida e Líres pelo os momentos de apoio desde sempre, quando me senti abalada nessa jornada de construção do conhecimento.

E ao meu esposo Valter, companheiro que em cada passo desse caminho esteve ao meu lado, me apoiando e me instigando de forma tão incisiva que chegava sentir-me a maior especialista sobre o assunto no mundo.

Todas e todos saibam que o pouco que eu sou tem muito do que vocês deixaram em mim.

Lista de Quadros

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Rendimento semanal – contribuição para o orçamento doméstico. ----- | 55 |
| Quadro 2 - Horas trabalhadas na sulanca. ----- | 62 |
| Quadro 3 – Tarefa que considera ter maior valor agregado. ----- | 67 |
| Quadro 4 – Horas trabalhadas nas atividades domésticas. ----- | 70 |
| Quadro 5 – Jornada de trabalho: horas trabalhadas na produção de sulanca e nas atividades domésticas e a diferença de horas trabalhadas de forma geral entre elas e eles. ----- | 70 |
| Quadro 6- Como ocorre a vivência das horas livres. ----- | 77 |

Lista de Siglas

| | |
|--------|---|
| PE | Pernambuco |
| UEPB | Universidade Estadual da Paraíba |
| JC | Jornal do Comércio |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio à Pequenas Empresas |
| SEDAMA | Secretaria de Desenvolvimento Econômico Agricultura e Meio Ambiente |
| PNADs | Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. |
| CLT | Consolidação das Leis trabalhistas. |
| MEI | Micro Empreendedor Individual. |

Lista de imagens

Imagem 1- princípios da feira realizada ainda nas ruas do centro da cidade. Foto: Jota Oliveira do <http://blogterradasulanca.blogspot.com.br> acessado em 25/10/2016.

Imagem 2- Mix casa/fabrico. Fonte: Maria Tereza- pesquisa de campo. Outubro 2016.

Imagem 3 - vista aera do “Moda Center Santa Cruz”. Fonte: <http://www.mercedestaque.com> acessado em: 29/10/2016.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 13 |
| Capítulo 1 - Divisão Sexual do Trabalho | |
| 1.1. Relações Sociais de Sexo e Divisão Sexual do Trabalho | 23 |
| 1.2. Patriarcado: elemento aprofundador da divisão sexual do trabalho..... | 27 |
| 1.3. Entrada da mulher no mundo fabril..... | 33 |
| 1.4. Produção x Reprodução: o trabalho no espaço doméstico..... | 41 |
| Capítulo 2 – Percurso metodológico..... | 44 |
| Capítulo 3- o Mix casa/fabricao da Sulanca de Santa Cruz do Capibaribe | 51 |
| 3.1. Perfil sócio econômico dos/as participantes..... | 52 |
| 3.2 O mix casa/fabricao: O lugar se mora é também o lugar de trabalho..... | 55 |
| 3.3. Processo de produção da sulanca..... | 58 |
| 3.4. Processo de trabalho e divisão sexual do trabalho..... | 65 |
| 3.4.1. Condições de trabalho | 72 |
| 3.4.2. Significado do trabalho..... | 76 |
| 4- Considerações Finais..... | 78 |
| 5. Referências Bibliográficas | 83 |
| Apêndices | |
| Roteiro da entrevista | 88 |
| Questionário. | 89 |
| Anexos | |
| Declaração de Concordância com Projeto de Pesquisa..... | 92 |
| Termo de Compromisso do Pesquisador em cumprir os termos da Resolução 66/12 do CNS/MS | 93 |
| Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 94 |

| | |
|---|----|
| Termo de Autorização para Gravação de Voz | 96 |
| Glossário de expressões. | 98 |

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a configuração da divisão sexual do trabalho no mix casa/fabricao da cidade de Santa Cruz do Capibaribe/PE. Utilizei de metodologia com abordagem quanti-qualitativa e quanto aos seus objetivos se define como descritiva e analítica. Usei as técnicas de observação participante do trabalho, entrevistas semiestruturada, diário de campo e questionário para levantar dados socioeconômicos e sobre o processo de produção. O estudo adota como principal conceito a divisão sexual do trabalho que busca mostrar a naturalização e hierarquização de papéis como elementos construídos socialmente e passíveis de mudança, além de evidenciar a configuração das relações de poder dos homens e das mulheres no universo do trabalho no mix casa/fabricao. Os resultados mostraram no que se refere à idade dos casais percebeu-se que as idades das mulheres variam, sendo uma de 29, duas de 34 e uma de 44 anos, já em relação aos homens se verificou que estão na faixa etária de 32 a 37. Os dados mostram que as mulheres entrevistadas possuem quase que a mesma escolaridade que os homens. Entretanto, a mais alta e a mais baixa escolaridade foi encontrada entre os homens. Em relação à remuneração percebe-se uma diferenciação entre as respostas dos e das entrevistadas, algumas delas colocam não saber o quanto recebem e nem com quanto contribuem para as despesas da casa, deixando nas entrelinhas que sua renda, o que gastam consigo mesmas e as despesas com a manutenção da família se resumem a uma coisa só. As configurações espaciais que abrigam o mix casa/fabricao diminuem o caráter de privacidade das famílias. O lugar de se morar tornou-se também o lugar de se trabalhar por força das circunstâncias econômicas e sociais que se instalou na região. Para homens e mulheres esta transformação trouxe consequências diversas. No mix casa/fabricao a não hierarquização das tarefas e atividades de trabalho pode se dever ao tipo de organização de micro empresa familiar e em domicílio, o que não quer dizer que mulheres e homens tenham condições iguais. A força de trabalho utilizada no processo de produção do mix casa/fabricao envolve além do casal, filhos/as e mais outros empregados/as. Destes, alguns são parentes em primeiro e segundo grau, reforçando assim o caráter de produção econômica de base familiar. Foi possível notar que 60% dos/as trabalhadores/as contratados/as são mulheres, o que confirma o predomínio da força de trabalho feminina no setor confecção. Fica nítido que o mix casa/fabricao invade o tempo e o espaço dos/as trabalhadores/as, principalmente dos membros da família, todo momento é hora de trabalhar. Espera-se que os resultados da pesquisa possam ser apropriados por outros pesquisadores e pesquisadoras como também pelas mulheres *sulanqueiras* na sua luta pela superação da desigualdade.

Palavras chaves- Trabalho, *Sulanca*, divisão sexual do trabalho, relações sociais de sexo.

ABSTRACT

This research had the objective of analyzing the configuration of the sexual division of labor in the home / manufacturing mix of the city of Santa Cruz do Capibaribe / PE. I used methodology with quantitative-qualitative approach and its objectives are defined as descriptive and analytical. I used the techniques of participant observation of the work, semi-structured interviews, field diary and questionnaire to collect socioeconomic data and about the production process. The study adopts as the main concept the sexual division of labor that seeks to show the naturalization and hierarchy of roles as socially constructed and changeable elements, as well as evidence the configuration of the power relations of men and women in the universe of work in the house mix / Manufacture. The results showed with regard to the age of the couples it was noticed that the ages of the women vary, being one of 29, two of 34 and one of 44 years, already in relation to the men were verified that they are in the age group of 32 to 37. The data show that women interviewed have almost the same level of education as men. However, the highest and lowest levels of schooling were found among men. Regarding the remuneration, a difference can be observed between the respondents 'and respondents' answers, some of them do not know how much they receive or how much they contribute to the household expenses, leaving between the lines that their income, what they spend with themselves and the Expenses for the maintenance of the family are limited to one thing only. The spatial configurations that house the mix house / manufacture diminish the privacy character of the families. The place to live was also the place to work because of the economic and social circumstances that settled in the region. For males and females this transformation brought diverse consequences. In the home / manufacturing mix the non-hierarchy of tasks and work activities may be due to the type of organization of family and home-based micro-enterprises, which does not mean that women and men have equal conditions. The workforce used in the production process of the home / manufacturing mix involves the couple as well as their children and other employees. Of these, some are relatives in first and second degree, thus reinforcing the character of family-based economic production. It was possible to notice that 60% of the contracted workers are women, which confirms the predominance of the female labor force in the clothing sector. It is clear that the mix house / manufacturing invades the time and space of the workers, especially of the members of the family, every moment is time to work. It is hoped that the results of the research may be appropriated by other researchers and researchers as well as by the women of the South in their struggle to overcome inequality.

Key words- Work, Sulanca, sexual division of labor, social relations of sex.

1. INTRODUÇÃO

A escolha deste objeto de pesquisa, a divisão sexual do trabalho no universo da produção de *sulanca* em Santa Cruz do Capibaribe-PE, parte de uma experiência pessoal como mulher, *sulanqueira* e estudante. Sou a segunda filha de três que minha mãe deu a luz, com quatro anos de diferença de idade de uma para outra, sendo que ela servidora publica trabalhava oito horas por dia como auxiliar de enfermagem num posto de saúde da comunidade, e ainda era costureira e dona de casa no restante das horas do dia. Meu pai saiu de casa quando eu estava com sete anos, porém mesmo ainda morando conosco não tinha o compromisso de manter as despesas da família. Viajava passava meses fora sem nos dar notícia alguma e depois reaparecia. Todas nós, eu e minhas duas irmãs fomos apresentadas á tesoura, tecidos, agulhas e máquina de costura ainda quando crianças. Recordo-me de costurar sentada num tamborete quase sem alcançar o pedal da máquina. Uma que chamamos popularmente de máquina de costura comum ou máquina de pé, pelo motivo de que ela não tem motor e precisa do movimento de sobe e desce do peito do pé no pedal para que costure. Máquina esta que ainda hoje funciona (já com um motorzinho), e minha mãe Geralda presenteou a minha sobrinha Maria Gabriela. Cresci nesse ambiente vendo minha mãe trabalhando diuturnamente para complementar a renda e manter a família nas nossas necessidades mínimas. Por costurar muitíssimo bem não confeccionava apenas *sulanca*, mas também peças de costura particulares como vestidos de noivas, becas e capelos para formaturas, fantasias de carnaval, roupas de pastoril, bonecos personalizados para campanhas publicitárias, bandeiras oficiais de diversas instituições, fardamentos de bandas marciais etc., o que hoje entendo ter sido necessário devido a não participação paterna. E em raros momentos nos quais ele participava na confecção de alguma mercadoria e fazia parte de negociação, trabalhávamos e dificilmente víamos o dinheiro do pagamento. A *sulanca* era e é a realidade produtiva da maioria das famílias da cidade e região, onde geralmente quase todas as pessoas da casa participam do seu processo de produção em algum momento; seja nas etapas de corte do tecido, de fazer os moldes das peças, da costura propriamente dita, da embalagem e/ou nas etapas do gerenciamento. O detalhe crucial que chama a atenção e motiva a pesquisa é buscar as características da divisão sexual do trabalho na produção da *sulanca* sendo que esta situação acontece no espaço da casa, onde as relações da vida produtiva e reprodutiva acontecem diariamente, diferentemente das situações nas quais os membros da família saem para trabalhar e posteriormente retornam para suas residências, tendo assim o espaço físico da casa apenas

para a família.

O interesse de pesquisar sobre a condição das mulheres *sulanqueiras* de Santa Cruz do Capibaribe/PE surgiu, também, na Graduação do Curso de Serviço Social, da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, a partir do acesso aos estudos sobre Gênero. Conseqüentemente com o processo de escolha do objeto de estudo para desenvolvimento da monografia para conclusão do curso, percebi naquele momento, que havia alguns estudos sobre a confecção de sulanca, porém praticamente nada que enfatizava o trabalho das mulheres, protagonista e criadora da atividade econômica, desde a reutilização de restos de tecidos, a criação de modelos, o processo de produção e a forma de comercialização. O desejo de pesquisar o trabalho das mulheres deve-se ainda, e, sobretudo, por estar pessoalmente inserida nesse universo da *Sulanca* tanto na condição pessoal de vendedora de minha força de trabalho, desde muito cedo em casa, depois nos fabricos de parentes e de terceiros, e ainda quanto de proprietária de um fabrico.

Santa Cruz do Capibaribe/PE foi durante muito tempo exportador de mão de obra para as capitais do sudeste brasileiro, como acontecia com as demais cidades do Nordeste do país. Localizada em um território de poucas chuvas a região não tinha o desenvolvimento econômico necessário que propiciasse a continuação dos homens e mulheres na terra natal. Desde 1960, principalmente pelo aquecimento impressionante nas décadas seguintes e nos anos de 1990 até a atualidade, Santa Cruz do Capibaribe juntamente com cidades integrantes do agreste de Pernambuco formaram um grande polo econômico, com destaque para a produção de vestuários em geral, que ficou conhecida na região como Sulanca.

No decorrer do tempo o conjunto das cidades envolvidas nesse processo produtivo foi intitulado de “Polo de Confecções de Pernambuco”; sendo o segundo na produção desse seguimento do país.

Precursora da *Sulanca*, Santa Cruz do Capibaribe tem na confecção sua principal atividade econômica. Cidade do interior do estado de Pernambuco se encontra a uma distância de 194 km da capital Recife. O Jornal do Comércio online publicou em dezembro de 2014 a reportagem “Polo de Confecções do Agreste: da Sulanca à industrialização” onde destaca um faturamento bruto por ano perto de R\$ 1 bilhão (JC, 2014). Segundo o SEBRAE, cerca 19 mil unidades produtoras ocupam 130 mil pessoas em 10 cidades de Pernambuco. Destas se destacam Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe que são

responsáveis por 70% dessa produção (SEBRAE, 2003).

O surgimento, desenvolvimento e manutenção da produção de Sulanca apresenta uma conjuntura que envolveu investimentos de capital, de infraestrutura, principalmente, de comercialização, e de emprego de muita mão de obra da região. Uma das características da economia do polo é que grande parte desta acontece no espaço de moradia das famílias. Neste sentido, ocorre o envolvimento de todos os membros da família com a produção da Sulanca. Estes elementos me suscitam questionamentos sobre a segregação ocupacional que ocorreu na região e como se configuraram ao longo do tempo as relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho.

Segundo a tradição do pensamento Marxista, na trajetória da humanidade, o trabalho é tido como elemento que permite aos indivíduos transformar a natureza para garantir sua existência material, ao mesmo tempo em que sua própria natureza é modificada, permitindo por sua vez desenvolver suas faculdades físicas e mentais. A relação do homem e da mulher com a natureza é histórica e socialmente determinada. As relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si tomam conformação específicas conforme o tempo e o lugar, portanto são mutáveis.

Como em outros sistemas, mas principalmente no modo de produção capitalista, o trabalho como categoria ultrapassa a possibilidade de prover a existência e reprodução dos homens e das mulheres. O trabalho permite a diferenciação do homem como espécie do restante dos animais. Marx exemplifica:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera (MARX 2013, pag. 32).

A diferença reside na capacidade de raciocinar sobre o trabalho, cria-lo, projeta-lo mentalmente, selecionar até certos instrumentos para executá-lo mediante dadas condições e necessidades.

Por meio do trabalho o homem e a mulher modificam a natureza em busca de melhores condições de sobrevivência, ao longo do tempo desenvolvem uma impressionante forma de comunicação pela linguagem que reprograma as relações entre si.

Engels considera que as mudanças sofridas no corpo estão diretamente ligadas as atividades realizadas na transformação do ambiente para satisfação destas necessidades.

Para Engels o trabalho “é a condição básica e fundamental de toda vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”. O trabalho foi imprescindível para a transformação da estrutura corporal do homem e da mulher como ser social ao longo dos milhares de anos.

Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pode dar vida, como artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Pagani (ENGELS 2013, pag. 15).

Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, no qual os meios e instrumentos de produção tornam-se propriedade do capital, o trabalho é reduzido à força física (força de trabalho), tornando-se assim uma mercadoria. Segundo Frigotto:

Uma mercadoria especial que os proprietários dos meios e instrumentos de produção (capitalistas) compram e gerenciam de tal sorte que o dispêndio da mesma pelo trabalhador, no processo produtivo, pague o seu valor de mercado (em forma de salário ou meios de subsistência) e, além disso, produza um valor excedente ou mais-valia que é apropriado pelo comprador (2006, p.261-262).

A mulher ao adentrar na esfera produtiva, como vendedora de sua força de trabalho defronta-se com uma ideia contraditória do seu papel social, pois sobre elas são construídas expectativas de assumirem um papel social vinculado ao cuidado, à maternidade, no qual deve gerar e cuidar dos filhos/as e dos demais membros da família, também é responsabilizada pelas atividades domésticas, pois estas tarefas são entendidas como uma habilidade “natural” das mulheres.

Suas relações são interpretadas como motivadas pelo afeto e pelo amor, desta feita seus afazeres na esfera privada não são apreendidas enquanto “trabalho” ou como um elemento que é fundamental à economia, por ter sido configurado como algo quase “natural”.

É expressiva e notória na produção da sulanca na região a presença significativa da mão de obra da mulher santa-cruzense e que foi se consolidando quantitativamente. A sulanca se tornou uma alternativa de sobrevivência devido à escassez de oportunidades em outros ramos produtivos. A participação do trabalho feminino na economia da região

possui traços de desigualdades e exploração. Na monografia da graduação, como citada anteriormente, a pesquisa já mostrou a existência de remuneração diferenciada, para menos, das mulheres em relação aos homens que executam as mesmas tarefas. E ainda mostra também que quando o processo passa a ter mais tecnologia os espaços são ocupados pelos homens, para ilustrar citamos a etapa de customização com pedrarias ou miçangas, quando realizada a mão quem executa são as mulheres e quando feito operando uma máquina com capacidade produtiva de cerca duas mil peças por dia (varia dependendo da peça, material e do tipo de aplicação) este é realizado pelos homens.

Observamos em grande parte que essa fabricação acontece no espaço físico da moradia e praticamente por longas jornadas de trabalho, se misturando assim a produção econômica e reprodução social, com isso, essas residências com dupla função de abrigar a vivência cotidiana das famílias juntamente com a vivência laborativa delas onde efetivamente vão se desdobrando as relações sociais estabelecidas tanto em relação à vida de produção social quanto à vida de produção econômica é o que aqui convencionei chamar de “mix casa/fabricao”- o lugar onde se mora e trabalha concomitantemente.

Com a alta demanda de vagas de trabalho na confecção nessa região as mulheres tem facilidade de comercializarem sua força de trabalho, porém em grande parte de forma precarizada, já que é uma característica a dominância do trabalho informal sem garantias trabalhistas. Neste universo as mulheres apresentam-se fortemente incluídas no mercado como trabalhadoras, o que permite acessar a própria renda, possibilitando certa “independência” financeira. Elas estão inseridas numa realidade que não dependem diretamente da remuneração do trabalho do marido, pois tem condições concretas de custear suas necessidades mínimas e de suas famílias.

Por ser uma atividade econômica diretamente ligada a casa, por ser desenvolvida quase sempre no ambiente físico da moradia, este trabalho pode trazer uma série de consequências para a vida das mulheres e seus familiares.

O contexto da produção da Sulanca é um objeto de pesquisa muito rico por tratar-se de fenômeno que surgiu e se desenvolveu numa região que não tinha perspectivas de investimentos voltados à economia local, até determinado momento histórico. O tipo de desenvolvimento ocorrido na região do Polo da Sulanca incluiu parte significativa da sua população e tem sido atrativo para migrantes. Entretanto, as mulheres têm que distribuir

suas horas de trabalho com as atividades domésticas e as da confecção de Sulanca, esta produção se confunde com a reprodução já que o mix casa/fabrico impacta a vida destas mulheres. E é este aspecto que nós pretendemos buscar compreender com a nossa pesquisa.

Ao lado destes elementos econômicos, políticos e sociais da produção da sulanca que envolve as mulheres, o interesse pelo tema da divisão Sexual do trabalho na confecção de Sulanca em Santa Cruz do Capibaribe-PE se dá, também, por motivos subjetivos, já que por um bom período estive trabalhando para parentes e não parentes, além de proprietária de fabrico no ramo de confecção de sulanca. Em segundo lugar, quando na graduação em Serviço Social tive a oportunidade de acessar leituras sobre as teorias de Gênero e Divisão Sexual do Trabalho que me permitiram outro olhar sobre a realidade vivenciada pelas mulheres nesta região. Em terceiro lugar, já venho me aproximando cientificamente do tema da divisão sexual do trabalho na confecção de sulanca em Santa Cruz do Capibaribe-PE, na medida em que já produzi uma monografia na graduação com este objeto de estudo.

Por todos estes argumentos até então apresentados entendo ser justificado o interesse em realizar esta pesquisa. Os dados apresentados nos permitem colocar uma série de questões que justificam sua realização: Que impacto o mix casa/fabrico traz para a vida destas mulheres? As mulheres consideram estas relações sociais de trabalho e de sexo na produção da Sulanca como naturais? Como se apresenta a organização do trabalho na Sulanca para as mulheres e homens? Que tarefas executam durante a jornada de trabalho tanto no âmbito produtivo quanto reprodutivo?

Pesquisa realizada em maio de 2013, pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico Agricultura e Meio Ambiente do município de Santa Cruz aponta que existem homens e mulheres de 54 municípios da região, incluindo cidades paraibanas, que estão comercializando e desenvolvendo atividades da *Sulanca* (SEDAMA, 2014). Portanto, esta região com este cenário econômico e de emprego de força de trabalho masculina e feminina se constitui num campo de fértil de pesquisa.

Naquele momento da graduação, pesquisei sobre a divisão sexual do trabalho com mulheres na *sulanca*. Pude levantar que existem diversas atividades desse processo de trabalho que empregam a força de trabalho feminina com características distintas. Tem as faccionistas que costumam em suas casas e são responsáveis por toda manutenção das

máquinas, do espaço físico e pelas condições de trabalho delas e juntamente das pessoas que trabalham no local. Tem as que trabalham no horário comercial (08 horas por dia) em fabricos de terceiros e ainda costuram em casa numa segunda jornada para outros(as) e/ou para si próprias. Tem as que trabalham somente nas feiras vendendo peças de outros(as) *sulanqueiros(as)* e recebem uma comissão pelas vendas. Entre diversas modalidades de atividade de trabalho, escolhi como sujeito de pesquisa da monografia a costureira, esta tem domínio sobre o processo da produção desde a escolha do tipo de mercadoria, o tecido, a modelagem, sabe operar todas as máquinas pelas quais a mercadoria passa, comercializava e, também, gerenciava a produção. Os dados da pesquisa de conclusão da graduação mostraram formas diferenciadas do cuidado com os filhos e filhas entre homem e mulher, por exemplo: na hora de ir levar ou pegar as crianças na escola se fosse de carro ou motocicleta quem iria era o companheiro, se fosse a pé quem iria era a mulher, mesmo que esta fosse habilitada, pois o transporte sempre estava com o homem da casa. Os resultados da pesquisa da monografia revelaram que a administração do orçamento doméstico e do fabrico era na maior parte de responsabilidade das mulheres. Porém quando necessário ausentar-se do fabrico para atividades como pagamento, compras ou levar máquinas ao concerto, estas tarefas geralmente eram executadas por eles também, ou seja, a mulher passa muito mais tempo de presença física no ambiente do trabalho, outro fator é o envolvimento da posse, também física do dinheiro, esta tarefa é executada na maior parte das vezes pelos homens.

Recente publicação sobre pesquisa realizada com as mulheres faccionistas das três principais cidades do Polo de Confecção – Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru -, aborda diversas questões ligadas à condição das costureiras de Sulanca (Clarissa Carvalho e Sandra Silva, 2015). Sobre a condição de saúde, quando questionadas se sentem algum problema de saúde causado pela tarefa que executam 60% alegam ter desenvolvido alguns incômodos como alergias, dores musculares, dores na coluna e outros. As entrevistadas da pesquisa explicitam, em sua maioria, ser a jornada de trabalho longa a situação que mais as desagradam, e ao responderem do que mais gostam; alegam que é poder fazer o seu horário de trabalho. Ponto no mínimo contraditório, pois se há possibilidade de decidir sobre o “horário/carga horária” de trabalho porque desempenham essa atividade por um longo período ultrapassando geralmente oito horas por dia? A pesquisa de Clarissa Carvalho e Sandra Silva (2015), que é de caráter estritamente quantitativo e descritivo trouxe uma gama de dados sobre a realidade da condição de trabalho vivenciada pelas mulheres

costureiras do Agreste de Pernambuco, evidenciando elementos que necessitam ser aprofundados com análises qualitativas e vivenciais sobre a atividade da produção da *sulanca* na região á luz das teorias que abarquem este chão do real.

Nesse momento de aperfeiçoamento profissional e avanço na formação acadêmica com o Mestrado em Serviço Social abordo o cenário da *Sulanca*, porém com o foco voltado para a divisão sexual do trabalho no mix casa/fabricao; buscando observar, analisar e descrever como se engendram as relações sociais de sexo na execução das atividades de trabalho nos âmbitos da produção e reprodução, que ocorrem basicamente e por maior tempo num mesmo espaço físico, que estou denominando de mix casa/fabricao. Sendo que agora incorporo na pesquisa a figura dos homens, tendo como propósito assim compreender como se estabelecem as atividades de trabalho de produção e de reprodução para ambos os sexos. Como se constitui neste âmbito a divisão sexual do trabalho?

Esta dissertação tem como objetivo geral: Descrever e analisar como se configura a divisão sexual do trabalho no mix casa/fabricao da cidade de Santa Cruz do Capibaribe/PE. Como objetivos específicos: Traçar o perfil socioeconômico de homens e mulheres que trabalham na sulancas/confecção de Santa Cruz do Capibaribe-PE; Identificar como se configura o processo e a organização do trabalho das mulheres e homens no mix casa/fabricao; Levantar como se distribuem as tarefas do trabalho doméstico de mulheres e homens.

No início a pesquisa pretendia ser apenas com as mulheres *sulanqueiras*, mas na qualificação do projeto de pesquisa a banca sugeriu que o casal fosse o alvo do estudo, já que se pretendia compreender as relações sociais de sexo. Frente ao fato de que já existem pesquisas que abordam exclusivamente a realidade do trabalho das mulheres, esta mudança conferiu um caráter singular em relação à produção científica já oferecida na apreciação da divisão sexual do trabalho no universo da *sulanca*. Assim, abarcamos 08 pessoas, sendo metade mulheres e a outra metade de homens, que convivem maritalmente, estão inseridos na confecção de *sulanca* e residem no mesmo espaço físico onde trabalham o que aqui chamamos de mix casa/fabricao.

Esta dissertação está posta da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresentamos os referenciais teóricos centrais para fundamentação da pesquisa, aproximando a conceituação da divisão sexual do trabalho, as relações sociais de sexo, o patriarcado, a entrada da mulher no mundo trabalho e a sua configuração na atualidade, aponta a

discussão do trabalho doméstico remunerado e não remunerado e o lar como espaço de trabalho. No segundo capítulo aborda-se mais precisamente o percurso metodológico seguido na pesquisa, apresentando-se de que forma os instrumentos foram utilizados no levantamento dos dados. E no terceiro capítulo vem os resultados com a apresentação dos dados da pesquisa e as análises dos dados brutos a partir das teorias que deram suporte ao estudo.

É certo que os dados desta pesquisa fomentam o debate, mas não tem força suficiente para dar cabo das desigualdades entre mulheres e homens, contudo propicia uma materialidade embasada cientificamente que aponta para o fato de que essa desigualdade não é natural e imutável.

CAPÍTULO 1
Divisão Sexual do Trabalho

1.1. Relações Sociais de Sexo e Divisão Sexual do trabalho.

O modo de produção capitalista cria relações sociais de trabalho antagônicas que vai contrapor trabalhadores e capitalistas, bem como relações sociais de sexo, que contrapõem homens e mulheres.

Observar o mundo do trabalho pela produção do que se é possível comercializar sem dar atenção às implicações causadas no processo de sociabilidade que este desencadeia é equivocado e o minimiza mais ainda quando este agir é realizado sem desvendar seu impacto nas relações sociais dos sexos.

A discussão dos estudos feministas e estudos de gênero franceses trazem uma contribuição significativa, pois alguns acontecimentos na França mudaram a forma de olhar para o feminismo. A partir da linhagem das feministas materialista abordaremos o conceito de relações sociais de sexo que será o pano de fundo de nossas análises. Neste contexto das feministas materialistas francesas podemos citar as precursoras Collete Guillaumin, Paola Tabet e Nicolle Mathieu. A produção das feministas francesas “logró en unos cuantos años desarrollar un conjunto teórico especialmente denso y convergente, que permitia por primera vez dar cuenta de la opresión de las mujeres en cuanto clase social, es decir, que analizaba el sexo —la existencia de mujeres y varones—, como un fenómeno de classe” (Curiel e Falquet, 2005, pp. 3-4). No bojo desta linhagem outras pesquisadoras e ativistas foram surgindo e avançando na produção teórica.

Uma das autoras que abordou a questão nesta perspectiva foi Anne-Marie Devreux (2005). Ela traz uma discussão sobre os conceitos de relações sociais de gênero e de relações sociais de sexo observando suas diferenças pelas origens das palavras. Prefere assim usar relações sociais de sexo por três razões. Primeira, e que ressalta como a mais importante é que as relações entre os homens e as mulheres constituem uma relação Social. Ela é categórica e afirma que o termo gênero refere-se mais as categorias, da categorização do sexo. Para a autora, categorização do sexo “é o resultado da relação, uma das modalidades pelas quais a relação social entre os sexos se exprime, mas não toda a relação” (Devreux, 2005, p.562). A Segunda razão é que para ela o conceito de relações sociais de sexo evidencia de forma explicita o sexo enquanto o conceito de gênero desvia-se de citar o termo sexo e ocorre uma suavização, atenuação ou eufemização, na expressão da autora, do termo. Segundo Devreux, “a referência ao sexo biológico parece-me essencial, pois a classificação social dos indivíduos, desde o nascimento, é operada sob esse critério ou, mais precisamente, sob a representação social segundo a qual esse critério

é de uma importância primordial para classificar os indivíduos” (Devreux, 2005, p.563). Para a autora o ato de classificação demarca a história do indivíduo e sua trajetória inicia sob o signo da diferença e da hierarquia. A terceira razão que levou a escolha do conceito de relações sociais de sexo pelas francesas, é que no idioma delas “gênero” pode ser usado em diversos sentidos: “Algumas vezes, é o sexo do registro de nascimento (o problema existe principalmente em inglês), outras vezes é o gênero gramatical e, outras vezes ainda, a categorização social” (Devreux, 2005, p.564). O conceito de gênero passou a ser usado para permitir uma melhor circulação das feministas nas instituições e no círculo dos pesquisadores homens, além do que permitiu desvelar o problema das mulheres e as desigualdades vivenciadas, sem criar, abrir flanco de luta com os homens. Esta crítica é fechada com a autora afirmando que o uso do conceito de relação social de sexo deixa claro que existe uma relação social entre duas classes de sexo e nomeia explicitamente a confrontação entre duas classes de sexo. Segundo ela, não pode haver relação social com uma categoria única. Não pode haver relação social sem confrontação (Devreux, 2005, p.564).

Este conceito é definido no plural, relações sociais de sexo, e no singular, relação social de trabalho. Segundo Devreux (2005) o conceito no plural engloba “todos os fenômenos de opressão, de exploração e de subordinação das mulheres aos homens” e no singular “é uma representação científica que traduz a unicidade da lógica da organização do social que constitui essa dominação das mulheres pelos homens e a irredutibilidade dessa dominação a outra relação social” (p. 565).

A autora supracitada na estruturação desta perspectiva conceitual indica que para apreender a funcionalidade das relações sociais de sexo é necessário compreender “as atividades das relações sociais de sexo e suas propriedades formais”. As atividades se constituem das práticas nas quais as relações sociais de sexo se manifestam. Estas atividades se evidenciam em três formas de ação: a divisão sexual do trabalho, a divisão sexual do poder e a categorização do sexo – ou a divisão das categorias do pensamento sobre os sexos. As propriedades dizem respeito às características formais sob as quais essas relações aparecem no espaço social (Devreux, 2005, p.566).

Para Annie-Marie Devreux (2005), a divisão sexual do trabalho é encontrada na esfera do trabalho produtivo e reprodutivo sem se distanciarem. Estabelece-se dentro da organização do trabalho entre dois grupos de sexo numa relação antagônica de apropriação masculina da força de trabalho das mulheres. A opressão das mulheres pelos homens segue

os interesses dos dominantes devolvendo parcial ou totalmente as mulheres à esfera reprodutiva. Sobre o significado e status do trabalho doméstico a autora coloca que foi devido grande empenho dos estudos feministas para que este fosse reconhecido como trabalho.

A divisão sexual do poder, também, constitui a relação social de sexo colaborando para sua sustentação. Pesquisas de estudos feministas mostraram que a participação de ambos os sexos nas instâncias locais de poder não ocorrem privilegiando efetivamente as capacidades de um ou de outro sexo.

Trabalhos sobre política, de um lado, e sobre a violência, de outro lado, alimentam uma reflexão sobre o sexo do poder e desvelaram mecanismo pelos quais os homens fundam a natureza do poder na divisão de funções produtivas (exercidas na esfera pública) e reprodutivas (exercidas na esfera da família) (DEVREUX 2005. pag. 568).

Desta forma, a divisão sexual do poder ampara-se mutuamente tanto na divisão sexual do trabalho quanto na categorização do sexo, que é o terceiro modo de ação fundante das relações sociais de sexo articulado aos dois anteriores. Quando um deles ou ambos são encontrados nas inúmeras realidades da sociedade isso só é possível devido à categorização que ocorre entre os sexos, fenômeno sofrido pelos indivíduos antes mesmo de nascer. O tempo de espera da criança por uma família já é todo construído em torno do conjunto de significados que o sexo do bebê representa, onde o que é de menina é o contrário do que é de menino.

A primeira das grandes categorizações sociais de sexo, concerne, evidentemente, à partição dos indivíduos entre categorias de sexo entre “homens” e “mulheres”. Seguiu-se toda uma visão do mundo organizada em um sistema de atributos, de normas, de valores, etc., fixando uma oposição entre o “masculino” e o “feminino” (DEVREUX 2005. pag.568).

Nessa distinção sobre o que pertence a um sexo difere do que é adequado ao outro a autora aponta o trabalho parental realizado pelas mulheres com base na ideia construída de que se trata de uma função biológica na reprodução da espécie humana, sendo qualificada como atributos maternos, porém sem ter sido criado na mesma direção um análogo masculino.

Para Annie-Marie Devreux (2005) as três expressões, configuram o conceito da relação social de sexo, oferecem a análise um extraordinário local de observação. E ainda completa que:

A teoria das relações sociais de sexo, como a apresento, pretende ter um alcance heurístico universal na decifração dos fatos sociais relativos à opressão das mulheres, ou seja, à dominação dos homens sobre as mulheres (DEVREUX 2005. pag. 570).

Michele Ferrand (2005) também menciona preferência pela utilização do conceito de relações de sociais de sexo, ao destacar o fato de que em um grupo social “as mulheres” são encarregadas por desenvolver determinadas tarefas, isso fundamentado na divisão do sexo, o que seria a divisão sexual do trabalho, considerando seus aspectos históricos e sociais. Ainda destaca que o sistema patriarcal reforça a ideia do determinismo biológico colocando mulheres e homens como diferentes, para mascarar a opressão, reiterando a perspectiva de natureza e de essência feminina.

Comungando com a base teórica supracitada, prefiro usar o conceito relações sociais de sexo ao invés de relações de gênero, como direcionamento deste estudo, apontando que às relações sociais sexo é complexa e possui elementos transversais, destacando a divisão sexual do trabalho.

Danièle Kergoat (2003) coloca que homens e mulheres são produtos de construções sociais, portanto, históricos e mutáveis. Fazem parte de grupos sociais distintos dentro de uma relação social dada: as relações sociais de sexo. O trabalho é a base material desta relação social, que se configura na prática pela divisão social do trabalho entre os sexos, denominada: divisão sexual do trabalho.

Esta noção foi primeiro utilizado pelos etnólogos para designar uma repartição “complementar” das tarefas entre os homens e as mulheres nas sociedades que eles estudavam; Levi-Strauss fez dela o mecanismo explicativo da estruturação da sociedade em família. Mas, são as antropólogas feministas, as primeiras, que lhes deram um conteúdo novo demonstrando que ela traduzia não uma complementaridade de tarefas, mas uma relação de poder dos homens sobre as mulheres (Mathieu, 1991a ; Tabet, 1998) (Kergoat, 2003, p. 55).

Ainda segundo Danièle Kergoat (2003) a divisão sexual do trabalho como conceito analítico é utilizado em diversas áreas de construção de conhecimento. Tem a intenção de caracterizar a maneira da divisão social do trabalho estabelecido pelas relações sociais de sexo; correlacionada as condições de tempo e espaço da sociedade. Busca observar o processo que determina posições, papéis e atividades aos homens na esfera produtiva e as mulheres na esfera reprodutiva, e concomitantemente, o que delega aos homens funções de

maior valor social agregado e os espaços de decisão que impactam a vida em sociedade como a política, religião, forças armadas e etc.. E para as mulheres as atividades relacionadas à satisfação das necessidades domésticas de cuidado com o lar e membros da família.

É com base neste conceito que anseio dar visibilidade a atividade das trabalhadoras e dos trabalhadores da sulanca de Santa Cruz do Capibaribe-PE. Pretende-se com a pesquisa mostrar o cenário do trabalho destas mulheres e caracterizar a forma de divisão sexual do trabalho, sem deixar de considerar as outras atividades elencadas por Annie-Marie Devreux (2005).

Para Daniéle Kergoat (2009), a divisão sexual do trabalho nasce de uma forma de divisão existente em decorrência das relações sociais de sexo. Esta é historicamente construída e determinada, e corresponde a cada formação de sociedade, delegando aos homens à esfera produtiva (público) e das mulheres à esfera reprodutiva (privada).

Segundo Helena Hirata e Daniéle Kergoat (2008) a divisão sexual do trabalho foi estudada em muitos países, porém, foi na França, por volta do início dos anos 1970, com o movimento feminista, que cresce o número de fundamentos teóricos que alicerçam esse conceito.

Assim:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrentes das relações sociais entre sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e societalmente. Tem como características a designação prioritária do homem à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, e simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA e KERGOAT 2008).

Daniéle Kergoat expressa que a “divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio de hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher)” (Daniéle Kergoat, 2009, p. 67). Para problematização desta visão que interpreta tais processos sociais de forma naturalizada, é propício fazer uso dos pressupostos que compõem a abordagem pelo conceito da divisão sexual do trabalho, já

que dessa maneira, entende que as práticas sexuadas são construções sociais, resultado de relações sociais.

1.2. Patriarcado: elemento aprofundador da divisão sexual do trabalho.

O patriarcado refere-se a uma forma de autoridade exercida e reconhecida em determinado espaço como sendo centrado no poder do homem, ocorrendo em territórios públicos ou privados. Muitas vezes o fator idade, ligado ao entendimento de que o mais velho possui mais sabedoria - o patriarca -, este exerce sua autoridade por ser assim reconhecido numa coletividade ou família como possuidor dela. Heleiet Saffioti (2004) aponta que elementos do patriarcado se irradiam pelas relações sociais em diversos setores, como também no mundo do trabalho, nas mais distintas e possíveis formas de configuração.

Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Ainda que não se possa negar o predomínio de atividades privadas ou íntimas na esfera da família e a prevalência de atividades públicas no espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo e, portanto, as diferenças entre público e privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados. Para fins analíticos, trata-se de esferas distintas; são, contudo, inseparáveis para a compreensão do todo social (SAFFIOTI, 2004, p. 54).

Nesse sistema os homens detêm uma forma de poder e o exerce em todas as direções e, sobretudo, em relação às mulheres. Marta Narvaz e Helena Koler (2006), que abordam o estudo de vários autores que tratam do patriarcado, observam que existem críticas em relação ao uso do conceito de patriarcado como sendo uma forma de poder totalizante e a-temporal. Ponderam dizendo que Max Weber o utilizou para determinado grupo e num determinado tempo.

Castro e Lavinias (1992) ressaltam que o conceito de patriarcado, tomado de Weber, tem delimitações históricas claras, tendo sido utilizado para descrever um tipo de dominação assegurada pela tradição, na qual o senhor é a lei e cujo domínio refere-se a formas sociais simples e a comunidades domésticas. Seria, portanto, inadequado falar, na modernidade, em "sociedade patriarcal". Além disso, na medida em que a família e as relações entre os sexos mudaram, a ideia de patriarcado cristaliza a dominação masculina, pois impossibilita pensar a mudança. (Narvaz e Koler 2006)

Em contrapartida, as autoras citam Carole Pateman (1993, p. 167), que diz que “o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil”. A sociedade civil como um todo é patriarcal.

Para Mirela Morgane e Maria Nader (2013) na área dos estudos feministas, o termo patriarcalismo foi rotineiramente empregado para indicar a condição feminina na sociedade com base de superioridade masculina. Apesar disso, a construção do conceito não se mostrou homogênea, levando algumas intelectuais decidirem por não fazerem uso do conceito pelo fato dele estar ligado à concepção weberiana de dominação da comunidade familiar de século XIX. Há quem redirecione usando o termo de patriarcado moderno que é sua inferência na contemporaneidade já que os elementos de dominação, exploração e subordinação do feminino não é encontrado somente na esfera familiar. Todavia apesar das discrepâncias em torno do uso do termo patriarcado, o conceito se conserva para a maior parte das feministas que o utilizam pela necessidade de superação das suas causas e efeitos.

A mulher é vista como ser pertencente ao outro, no caso o homem, esposas, mães, filhas e irmãs são a propriedade dos homens nas relações entre os sexos. Colette Guillaumin (2005) coloca alguns apontamentos fundamentais para essa discussão. Cotidianamente essa apropriação tida como natural é violenta, e essa posse ultrapassa as paredes das relações da vida privada e é encontrada inclusive no mundo público e nas relações produtivas.

Produzem-se, deste modo no patriarcado, as relações de classes e de sexo cujo embate entre trabalho e capital necessitará de controle e disciplinamento. Principalmente pelos fenômenos de apropriação do feminino pelo masculino como destaca Colette Guillaumin (2005) e da naturalização dessa dominação. Sendo a apropriação causa e causadora pelo efeito ideológico no qual as mulheres estão submissas aos homens nas relações sociais de sexo. Este efeito é responsável pela criação e recriação de processos concretos e discursivos da naturalização dessa estratificação hierárquica transformando as mulheres em objeto ou coisas. É nesse mesmo contexto que elas não conseguem obter socialmente uma individualidade, sua singularidade é misturada e invisibilizada na categoria das mulheres no geral.

As mulheres são apropriadas como objeto de negociação num intercâmbio e são consideradas mais naturalizadas do que os homens. Para ela a exploração das mulheres é base de toda reflexão sobre as relações entre classes de sexo, que fundamenta essa orientação teórica.

A autora aponta dois fatos que corroboram para a determinação da apropriação das mulheres pelos homens: o da materialidade e o outro da construção ideológica. No aspecto material trata-se da apropriação da classe feminina como objeto pela classe dos homens e o ideológico discorre sobre a naturalização dos aspectos que envolvem a condição do ser mulher. O efeito ideológico não é uma categoria desconectada do efeito material, pois um é reflexo do outro. Nessa relação social onde os atores são reduzidos ao estado de coisas e pertencentes a outros não apenas na relação de portadores da força de trabalho como também de sua individualidade.

A expressão concreta da apropriação é o uso de um grupo por parte de outro, onde um é transformado em instrumento manipulado a fim de realizar interesses de grupos dominantes. Para a autora apropriação pode ter formas variáveis. A autora destaca a apropriação do tempo; a apropriação dos produtos do corpo; a obrigação sexual e para com os membros incapazes e inválidos. Sobre a apropriação do tempo esta se dá no contrato matrimonial, onde não há medida pré-determinada do uso do tempo como ocorre no trabalho clássico, no qual existe limite do tempo de trabalho, regras sobre a forma de pagamento e um salário, por exemplo. No contrato social do casamento não tem pagamento pelo trabalho da esposa, trabalho necessário para sustentação do indivíduo enquanto trabalhador produtivo público. E não somente a esposa, mas também todas as mulheres da família: irmãs, avós, tias, filhas estão sobre o controle do chefe. Em todas as esferas seja pública ou privada se espera que as mulheres cuidem da alimentação das crianças, da limpeza, e cuidem das necessidades dos homens.

Em relação à apropriação dos produtos do corpo Collete Guillaumim (2005) cita a fala de um velho escritor que vendia além de cabelos o leite das mulheres. São donos dos corpos e dos produtos dos corpos. Inclusive filhos, por estes estarem agregados nesse corpo. Em casos de separação os pais muitas vezes usam os filhos como instrumentos de extorsão para atingir as mães.

A obrigação sexual é um direito exigido pelos homens, porque a opinião das mulheres não é considerada, pouco importa. Eles gozam desses direitos e cabe às mulheres cumprirem seu dever. Sabendo que na relação entre direitos e deveres um condiciona o outro, ou seja, para o direito tem um correspondente dever. Entretanto, para eles nas relações aonde há posse das mulheres esse axioma não funciona. O matrimônio configura-se num uso sexual não monetário do corpo da mulher. Por outro lado, ocorre, também, o uso monetário do corpo feminino na prostituição, porém o uso é estabelecido e pré-acordado, que se recebe ou se paga, mesmo esta forma de uso é limitada, tem suas condicionalidades. No matrimônio o uso físico é em todas as formas. Muitas vezes o fato da mulher ter relação sexual com outro homem fora do matrimônio é motivo de divórcio, esta mulher e seu corpo pertencem a um homem. No caso dos homens é apenas uma relação sexual ocorrida fora do casamento, ele é o dono do seu corpo, não é apropriado pela esposa e nem causa de divórcio.

As mulheres também são apropriadas coletivamente, respondem pelo cuidado com os membros inválidos da família. Numa vida toda cuidando de crianças, filhos, idosos, casa, cada segundo do seu tempo para cuidar além de cuidar do seu corpo cuidar das necessidades da existência do outro. Lavar os mortos e lavar os enfermos esta na responsabilidade das mulheres geralmente.

Guillaumim (2005) destaca, também, à negação da individualidade e autonomia da mulher quando se estabelece a unificação da classe nos processos de construção dos discursos e trás como exemplo noticiários que selecionam e categorizam os homens e unificam as mulheres simplesmente pelo sexo: “um presidente de associação, um torneiro, um croupier e uma mulher”. Fica posto como se fosse o bastante o uso de um único predicativo capaz de dar conta das singularidades das pessoas do sexo feminino presentes nas circunstâncias diárias, desconsiderando suas causas, suas múltiplas bandeiras, suas particularidades e especificidades, enquanto as pessoas do sexo masculino são apresentadas em sua profissão, formação, religião, nacionalidade e status social.

Neuma Aguiar (2000) fazendo um passeio pelas formas como o patriarcado foi construído no Brasil analisa a diferença do caso nacional com a produção anglo-saxão através dos apontamentos de autores que trabalharam o tema. Raimundo Faoro, citado por Aguiar, entende o patriarcado brasileiro como a dominação do público sobre o privado pela ação

do Estado. Entretanto, o autor questiona esse argumento diante do fato de que muita situação da vida privada vai contra as leis do Estado e tal acontece como se fosse esse regulador patriarcal – o Estado- incapaz de ação interventora, usa como exemplo a violência doméstica e a obrigatoriedade das mulheres manterem relações sexuais com seus companheiros sem assim o desejar.

Este mesmo autor aponta que na literatura internacional a cerca do patriarcado ocorre à presença desse fenômeno pela inexistência de regulação sobre a esfera privada quando há situação de desigualdade de poder dentro dessa seara.

A presença de violência doméstica, por exemplo, evidencia que a separação entre público e privado se deu de forma tão ampla que ocorrem situações de dependência no interior do espaço familiar, particularmente das mulheres com relação aos homens. Nesse caso, as instituições políticas ignoram essa situação que permanece à margem do sistema normativo. (AGUIAR, 2000).

Assim, embora exista legislação sobre a esfera privada as instituições negligenciam ignorando esses acontecimentos que permanecem esquecidos aos olhos do sistema normativo. Existe a regulação, contudo o modelo patriarcal relega às mulheres a obediência aos desejos dos homens, independentemente das suas próprias vontades. Aguiar ainda cita Gilberto Freyre como um dos autores que também se destacaram escrevendo sobre o modelo do patriarcado no país. Distinguiu o patriarcalismo no Brasil como uma estratégia de colonização com bases institucionais no grupo doméstico rural e o regime de escravidão. A tática versa uma política de população de um território de grande dimensão, com deficiência demográfica para ser usada como mão de obra a fim de gerar riquezas. É exercida a dominação do homem pela sexualidade como recurso para aumentar a população escrava por meio do abuso sem haver preocupação com princípios religiosos.

Para Mirla Cisne, “o patriarcado é um sistema segundo o qual as mulheres são exploradas e dominadas. Esse sistema estabelece uma hierarquia entre homens e mulheres em todas as relações e espaços sociais, portanto, não se limita a esfera privada” (2012, p. 155).

O sistema patriarcal é ainda vigente mesmo considerando as transformações sociais, políticas e econômicas requeridas e conquistadas pelas mulheres nos últimos anos.

As lutas das mulheres não evitaram a continuidade do sistema patriarcal, atrelado ao capitalismo no controle das relações de poder do homem sobre a mulher.

A ideologia dominante, patriarcal-racista-capitalista, penetra na consciência dos indivíduos devido à naturalização das relações de dominação e exploração que a alienação produz. Essa naturalização dificulta a possibilidade de se pensar e agir de forma transformadora [...] é essa alienação que faz com que mulheres naturalizem e reproduzam sua condição de subalternidade e subserviência como algo inato ou mesmo biológico. (CISNE, 2014, p. 95).

Dessa forma, eu entendo que o conceito de patriarcado é válido para a compreensão das relações sociais de sexo e da divisão sexual do trabalho, uma vez que tal conceito permite explicar a materialidade do binômio dominação/exploração do homem sobre a mulher. O patriarcado se nutre das diferenças sexuais/biológicas no ser macho e no ser fêmea para “justificar” a subordinação das mulheres. As ideias do patriarcado em geral apresentam as diferenças entre homem e mulher como naturais e não como produto das relações sociais em geral e, também de sexo passíveis de mudanças dentro da perspectiva dinâmica da sociedade.

1.3. Entrada da mulher no mundo do trabalho fabril.

Para Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), no momento de desenvolvimento mais expressivo das grandes indústrias ocorre a separação entre a esfera produtiva e reprodutiva, tornando assim guetos distintos, conseqüentemente trazendo inúmeras implicações na dinâmica das famílias. Junto a isso vem à incorporação da mão de obra feminina e infantil ao mundo do trabalho. Todavia, engatilhando processos de profundas mudanças na vida de mulheres e homens na unidade familiar e da produção.

Com a implantação do sistema fabril e as transformações no processo de trabalho e nas formas de organização e gestão, o trabalho passa a ser categorizado, fracionado, dividido e cada um tem ou desenvolve uma habilidade para realizar e se especializar numa atividade e/ou etapa de produção. Estabelece-se social e economicamente o que é referente ao sexo masculino e ao feminino.

A relação com o trabalho como mercadoria com valor de uso, e com os outros indivíduos condiciona e estrutura o plano de relação socioeconômica e pessoal de cada um na sociedade. Como diz Íris Bertani:

Essa inter-relação de compra e venda da força de trabalho irá estruturar o nível socioeconômico e pessoal de cada indivíduo na sociedade, limitado a nível salarial, fator este que vai definir como se diverte, com quem se relaciona, onde mora, o que se alimenta o que tem de bens materiais. Essa inter-relação vai também especificar os horários que a cumprir, seu tempo ocioso, seu lazer, enfim, dão identidade ao indivíduo na família e na sociedade (BERTANI 2004, pag. 204).

Assim, acontece uma transformação no modo de produção que subordina a força produtiva ao capital, onde a força de trabalho é consumida pelo capitalista que fornece matéria prima e instrumentos, paga pelas horas trabalhadas e também é proprietário do produto final fruto do trabalho coletivo.

O capitalista tem como objetivo buscar produzir mais em menos tempo e com menor custo inclusive de mão de obra, o que geralmente implica na exploração dos recursos naturais e do trabalhador. Em seu processo o capitalismo vem avançando e investindo cada vez mais em novas tecnologias, permitindo que o processo produtivo a cada dia torne-se mais automatizado. Agrega rapidez, padronização, eficiência, maior produtividade e conseqüentemente lucro aos produtos. Marx em o Manifesto Comunista de 1848 diz que “num futuro não muito longe, a vida das pessoas seria invadida pela tecnologia e suas conseqüências adviriam”.

Ao longo do tempo a produção industrial passou por mudanças em sua conformação técnica. Contemporaneamente se verifica fábricas com todas suas etapas feitas por máquinas/robôs que a cada momento se complexifica devido ao avanço tecnológico e com trabalhadores apenas de manutenção destas e/ou do espaço físico, como forma de manter tudo funcionando. Portanto, o avanço na tecnologia significa na maioria das vezes a dispensa de centenas de milhares de trabalhadores diretos, gerando assim massas de desempregados e tensões no mundo do trabalho. Neste universo os trabalhadores especializados e extremamente capacitados são os que sobrevivem.

É uma nova era, com a automação, com a robótica e microeletrônica invadindo o universo fabril. Desenvolvem-se novas relações de trabalho e de capital, exigindo do homem e da mulher uma postura mais competitiva e com maiores habilidades e capacidades (BERTANI 2004 pag. 205).

Ao lado desta indústria de primeira linha que se erige, principalmente, nos países

centrais do capitalismo temos processos de trabalho que utiliza mão de obra com pouca qualificação, em grande extensão e com níveis salariais baixos. Estes se encontram nos países de capitalismo periférico e em desenvolvimento. No circuito da globalização da economia cabe aos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento o trabalho de uso massivo de força de trabalho e a indústria suja e perigosa, para os indivíduos e meio ambiente.

A história do processo de implantação do sistema de fábrica e da indústria moderna é contada sempre na perspectiva da força de trabalho masculina. Queremos aqui evidenciar como as mulheres conseguiram adentrar este universo. Como afirma Michelle Perrot (2012, p. 109), “as mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não-valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível”. Até determinado momento histórico as mulheres não exerceram ofícios reconhecidos e remunerados. O trabalho que realizava, fora do espaço doméstico, era tido como de ajuda à família (Michelle Perrot, 2012). Ao longo do tempo e por consequência de muitos esforços e lutas das mulheres, bem como interesse do capital, o mercado de trabalho foi se abrindo para introdução da mão de obra feminina o que provocou mudanças no cotidiano das famílias e, por conseguinte na sociedade.

Nos séculos XVIII e XIX, com a industrialização o trabalho das mulheres foi questionado. A questão que se colocava na época era se a mulher deveria ser remunerada, receber salário, deixando o trabalho doméstico que era até então tido como de sua aptidão. Sua entrada no âmbito fabril foi questionada tanto pela concorrência no emprego com os homens, como pela questão de conciliar a jornada de trabalho na indústria e no lar, tida como sua principal tarefa. Segundo Michelle Perrot (2012, p. 119), “Além do mais, a fábrica, com suas máquinas, sua sujeira, suas promiscuidades sexuais, não era para elas”. Neste sentido, foram se construindo socialmente atividades a serem desenvolvidas pelos homens e outras a serem desenvolvidas pelas mulheres e/ou por ambos, porém com status e remuneração com base fundante no sexo. Uma divisão social do trabalho calcado nas relações sociais de sexo foi se afirmando.

Com a Revolução Industrial ocorreram transformações significativas na organização das bases de produção e nas relações sociais. Segundo Michelle Perrot (2012)

encontram-se registros da inserção da mulher de forma sistemática no universo do trabalho, já em 1838, no ramo têxtil que “foi o grande setor de emprego das mulheres, nas fábricas e nos ateliês” (p. 119). Não somente a inserção das mulheres como também de crianças. Entretanto, a entrada da mulher no mercado de trabalho, mesmo que incipiente, não modificou sua situação no âmbito do privado.

As mulheres eram vistas como sujeitos fundamentais para a preservação da vida pelo fato da procriação, dos cuidados com os filhos e a família. Erige-se um modelo de família, na qual as mulheres e os homens têm papéis diferenciados e a valorização da vida privada familiar e também nos cuidados com os filhos é diretamente uma definição quase sempre inflexível das mulheres. Porém, com o processo de industrialização e o crescente emprego da força de trabalho das mulheres, estas passam a desenvolver a dupla jornada de trabalho acumulando também o trabalho doméstico não remunerado. A presença das mulheres no espaço fabril se agudiza no século XX, desde a primeira guerra mundial.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a proporção de mulheres francesas economicamente ativas sofreu grande elevação. Os efetivos femininos passam de 30% a 40% nas indústrias gráficas, de 39% a 50% nas de papel e papelão, de 60% a 70% na indústria têxtil, de 33% a 42% nas indústrias de couros e peles; e, nas indústrias bélicas, nas quais as mulheres não chegavam a representar 5% da mão de obra antes do conflito internacional, passam a significar quase um quarto do total de trabalhadores do ramo [...] a elevação, entretanto, não se manteve; terminada a guerra, o trabalho feminino regride para os níveis anteriores (SAFFIOTI, 2013, p. 79).

No contexto do pós-segunda guerra mundial, abre-se novo mercado de trabalho para as mulheres, o das indústrias eletromecânica e eletrônica. Aquelas mulheres mais qualificadas conseguem se inserir e permanecer no mundo do trabalho. Heleieth Saffioti (2013, p. 79) apresenta alguns dados, para se entender este cenário de inserção feminina no trabalho no período pós-segunda guerra:

Durante a última guerra, a força de trabalho feminina efetiva na Inglaterra chegou a sofrer um aumento de 40%, passando o número de mulheres ativas de 5,094 milhões em 1939 para 5,572 milhões em 1940, 6,110 milhões e, 1941, 6,915 milhões em 1942, 7,253 milhões em 1943, 7,107 milhões em 1944 e 6,768 milhões em 1945. Nos anos de 1943 e 1944, elas representavam praticamente a metade da força de trabalho efetiva representada pelos homens ingleses (15,032 milhões de homens economicamente ativos em 1943 e 14,901 milhões em 1944).

Para garantir o emprego da força de trabalho feminina nas indústrias, em substituição aos homens que serviam aos exércitos, foi necessário o Estado implementar um conjunto de incentivos e medidas, como a criação de creches, restaurantes populares, possibilitando, também, que as mulheres casadas pudessem ser colocadas nos postos de trabalhos. Segundo Michelle Perrot (2012) as fábricas passam a “adaptar-se” a situação peculiar em que algumas mulheres vivenciavam como, por exemplo, a criação de espaços para a realização do aleitamento. Com o fim da guerra cresce a mão de obra masculina e o emprego feminino decresceu, principalmente em relação às mulheres casadas. Portanto, com a grande oferta de mão de obra o mercado de trabalho deu prioridade aos homens (SAFFIOTI, 2013).

Com o fim da segunda guerra mundial muitas transformações ocorreram no mundo do trabalho e nas relações sociais de homens e mulheres. As décadas de 60 e 70 foram palcos de muitas lutas das mulheres. A década de 90, do século XX, verificou forte incremento de inserção da força de trabalho feminina no mundo do trabalho. Entretanto, foram às atividades de trabalho mais precarizadas que as mulheres ocuparam e, ainda, ocupam. Segundo Maria Bruschini (2008, p. 26), o trabalho doméstico se destaca neste contexto.

O emprego doméstico é o nicho ocupacional feminino por excelência, no qual mais de 90% dos trabalhadores são mulheres. Ele se manteve como importante fonte de ocupação, praticamente estável até 2005, absorvendo 17% da força de trabalho feminina no Brasil, 15% no Nordeste e 19% no Sudeste.

A autora vai, ainda, afirmar que mesmo sendo consideravelmente elevado o percentual de mulheres inseridas em postos de trabalho caracterizados como precários, ocorreu, no período, uma expressiva redução da permanência destas nos referidos postos. A autora destaca que isso se deu devido à migração para postos de trabalho em setores formais (Maria Bruschini, 2008). Esta formalização ocorre, principalmente, em setores com forte precarização e repetitividade do trabalho. Além disto, mesmo contemporaneamente as mulheres continuam acumulando tarefas nos âmbitos produtivo e reprodutivo. Ficando o trabalho reprodutivo, ainda, considerado algo “natural” e inerente à mulher e, conseqüentemente, não remunerado. Portanto, o contexto do trabalho feminino se apresenta de modo múltiplo, complexo e com variações significativas no tempo e espaço.

No Brasil a história da inserção das mulheres no trabalho industrial ocorre no bojo das mudanças econômicas e sociais, principalmente, a partir da última década do século XIX. Constituiu-se no período um novo perfil populacional e transformações na presença feminina no âmbito do trabalho urbano e rural. O setor secundário da economia em franca expansão recrutou em grande escala o trabalho de crianças e mulheres em diferentes fábricas e frentes de trabalho, como as ligadas ao cuidado por exemplo. Segundo apontam Maria Matos e Andrea Borelli “pesava na opção por empregar mulheres em determinados setores a ideia bastante difundida de que a delicadeza para lidar com certos produtos, submissão, paciência, cuidado e docilidade eram atributos femininos” (2012, p.128). O perfil das mulheres empregadas neste período era de imigrantes e, principalmente jovens. A legislação trabalhista que aborda a regulamentação do trabalho feminino foi erigida entre 1917 e 1919. Apesar de buscar proteger o trabalho feminino as “medidas geraram ambiguidades e contradições; ao proteger as mulheres por considerá-las frágeis e vulneráveis, acabaram provocando demissões e dificultando a inserção feminina no mercado de trabalho” (Maria Matos e Andrea Borelli, 2012, p. 129). O trabalho feminino enfrentou fortes resistências para se afirmar em todos os setores da economia, excetuando o trabalho doméstico.

Como coloca Guiraldeli (2012), no Brasil o desenvolvimento da industrialização e urbanização do país faz emergir uma classe operária que, mesmo já contando com um expressivo percentual de mulheres e crianças nas indústrias, é liderada por homens. Alguns movimentos, dos primeiros anos do século XX, tinham como parte de suas reivindicações a volta das mulheres ao lar, entendiam que era competência feminina a responsabilidade com a casa e à maternidade, e cuidados com os filhos e marido. Esta forma de mobilização dentro do movimento operário, na época, colaborou bem significativamente para certificar a divisão sexual do trabalho, fundada em assimetrias e hierarquizações.

Foi somente a partir da década de 1960 que cresceu o mercado de trabalho para as mulheres no Brasil. Alguns fatores explicam este aumento sistemático e diversificado do emprego feminino: a necessidade de sobrevivência e capacidade de consumo das famílias; a disseminação das ideias feministas e novas formas de controle da natalidade. Na década de 70 o chamado “milagre econômico” fez aumentar a industrialização do Brasil, “fazendo com que, nessa nova etapa, a mão de obra feminina fosse incorporada não só nos setores

tradicionais (têxteis e alimentos), mas também nas indústrias de eletroeletrônicos, de brinquedos, farmacêuticos e de cosméticos” (Maria Matos e Andrea Borelli, 2012, p. 143-144). Estas indústrias tinham um processo de trabalho com tarefas repetitividade e fragmentadas que solicitam habilidade manual, cuidado, rapidez e concentração, atributos geralmente conferidos as mulheres.

Nas últimas décadas se verifica um intenso e constante crescimento da atividade feminina. Segundo Maria Bruschini (2007)

No que tange à ocupação da mão-de-obra brasileira na década de 90 e nos primeiros anos do novo milênio, os dados das PNADs sinalizam para a persistência dos já conhecidos padrões diferenciados de inserção feminina e masculina segundo setores ou grupos de atividades econômicas: pela ordem, os setores do mercado de trabalho nos quais as trabalhadoras continuam encontrando maiores oportunidades de trabalho e emprego são a prestação de serviços, a agropecuária, o setor social¹⁴, o comércio de mercadorias e a indústria (p. 558-559).

A inserção ocupacional das mulheres no mercado de trabalho nacional se caracteriza através do tempo pela precariedade.

Em 2005, nada menos que 33% da força de trabalho feminina ou 12 milhões de mulheres situavam-se em nichos precários, ou de menor qualidade, no mercado de trabalho, seja como trabalhadoras domésticas (mais de 6,2 milhões), seja realizando atividades não remuneradas (3,3 milhões) ou trabalhos na produção para o consumo próprio ou do grupo familiar, (2,7 milhões) (BRUSCHINI, 2007, p. 561).

Os estudos realizados em diversos países sobre a estrutura ocupacional distribuída por sexo apresentam a repetição na sua formatação, pois o trabalho masculino é distribuído sempre nos ramos da atividade industrial e no setor terciário também, já as mulheres estão em algumas poucas categorias ocupacionais (guetos femininos no mercado de trabalho).

Nas sociedades industrializadas, a mão-de-obra feminina se concentra nas indústrias de alimentos, têxteis, de confecção e de calçados e, mais recentemente, na eletrônica. No setor terciário, as mulheres estão ocupadas, predominantemente, no comércio, nos escritórios e nos serviços profissionais de educação, saúde e bem-estar (Holzmann 2000).

É encontrado também o fenômeno da escala hierárquica técnica onde as mulheres estão nos cargos tidos com inferiores aos dos homens, com salários menores, e até com

menor tecnologia investida no processo de produção. Lorena Holzmann (2000) ainda completa:

Estudos de categorias profissionais ou que tomam como objeto um determinado local de trabalho (fábrica, banco, estabelecimento comercial) revelam uma outra forma de segregação, vertical (Silva, 1985; Bradley, 1989), que atua sobre a mão-de-obra feminina, pela qual ela se concentra nos níveis mais baixos da hierarquia técnica, funcional e salarial na estrutura das empresas ou nas categorias ocupacionais (HOLZMANN 2000)

A estrutura ocupacional do mercado de trabalho do Brasil mostra uma persistência nos tipos de empregos destinados às mulheres. Mantém-se uma elevada presença das mulheres em ocupações tradicionais da indústria (como as costureiras na indústria da confecção); as mulheres estão em grande parte nas ocupações dos serviços de cuidado pessoal, higiene e alimentação (cabeleireiras e especialistas em estética em geral, das faxineiras, arrumadeiras em domicílios e hotéis, lavadeiras, tintureiras e cozinheiras, etc.). Prosseguem ainda os clássicos guetos femininos, como a enfermagem (89% dos enfermeiros, 84% dos técnicos de enfermagem e 82% do pessoal de enfermagem eram do sexo feminino em 2002), a nutrição (93% dos nutricionistas eram mulheres), a assistência social (91%), a psicologia (89% de mulheres), o magistério nos níveis pré-escolar (95%), fundamental (88%) e médio (74%), além das secretárias (85%), auxiliares de contabilidade e caixas (75%) (BRUSCHINI, 2007, p. 566).

As tarefas destinadas para as mulheres na indústria, quase sempre, são as categorizadas como mais leves, repetitivas, que exigem de paciência, delicadeza e cuidado. Certa vez em visita a uma fábrica refrigerantes, no Ceará, momento de degustação, estabeleci um pequeno diálogo com o simpático funcionário que nos atendia, perguntei se ali trabalhavam mais mulheres ou mais homens? Respondeu que mais homens. Diante da resposta fiz outro questionamento: Em qual setor da fábrica elas estavam? Respondeu na limpeza, no escritório e no atendimento a clientes, porque os outros serviços eram pesados. Como visualizei que grande parte do processo era mecanizada, com alta tecnologia, e em momento algum vi trabalhadores desenvolvendo atividade que necessitasse de usar literalmente da força física; não resisti e argumentei que não vi funcionários tendo que carregar grades, tonéis, nem exercendo qualquer outra tarefa que tivesse usando do trabalho braçal. No momento ele parou, olhou pensativo e disse: *verdade aqui é quase tudo*

feito pelas máquinas, não tem que ter força para fazer nada, e as mulheres poderiam fazer isso sim, mas não sei por que não fazem, deve ser por que é coisa pra homem.

Nessa breve experiência empírica percebemos a não reflexão das normas e conjuntos das significações do que é compreendido como natural, do que é tido como trabalho para elas e eles.

Mesmo que a história tenha obscurecido os fatos reais da vida que envolvia as mulheres, estas desde épocas remotas já tinham o trabalho como parte de seu cotidiano.

As mulheres das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho [...] nas sociedades pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras eram ativas: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e lojas; nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas (SAFFIOTI, 2013, p. 62).

1.4. Produção x reprodução: O trabalho no espaço doméstico

Para Betânia Ávila (2014) nós temos dois tipos de trabalho domésticos nas relações de trabalho, tem mulheres que fazem o trabalho doméstico nas suas próprias casas e as que o fazem de forma remunerada em outros espaços. A autora considera que existe na sociedade capitalista, patriarcal a divisão sexual do trabalho onde se encontra nessa sociedade a existência de distinta concepção de trabalho destinada para homens e de trabalho destinado para mulheres. O trabalho remunerado chamado produtivo é o espaço dos homens, já o trabalho reprodutivo é considerado o trabalho das mulheres. A ideia de que as mulheres estão tendo mais espaço no mundo do trabalho remunerado é fato, foi dada uma maior abertura para força de produção feminina. Vale lembrar que as mulheres vendem sua força de trabalho deste os primórdios do capitalismo, porém foi ser mais fortemente evidenciada essa questão a partir do momento que as mulheres da classe média passaram a desenvolverem trabalho remunerado. E nota-se que em sua grande maioria, mesmo as mulheres inseridas no trabalho remunerado também são as responsáveis pelo trabalho doméstico.

Ao longo do tempo essa divisão de tarefas, papéis, espaços e status foram naturalizados, sem muita necessidade de questionamento e reproduzidos de geração em geração. Porém, a discussão conceitual da divisão sexual do trabalho trilha o caminho inverso, aponta para direção onde mostra a naturalização e hierarquização de papéis como elementos construídos socialmente e passíveis de mudança.

Problematizar em termos de divisão sexual do trabalho não remete, portanto a um pensamento determinista; ao contrário trata-se de pensar a dialética entre invariantes e variações, pois se este raciocínio supõe trazer à tona os fenômenos da reprodução social, ele implica estudar simultaneamente os deslocamentos e rupturas daquilo bem como a emergência de novas configurações que tendem a questionar a existência mesma desta divisão (Kergoat, 2003, p. 56).

Como também não pode ficar ancorado na análise de trabalho doméstico versus o trabalho remunerado, pois as discrepâncias existem nas mais diversas formas de trabalho e nos mais diversos campos de construção de relações sociais. Mas em relação às tarefas do lar Danièle Kergoat observa que:

O trabalho doméstico, que havia sido objeto de numerosos estudos, era muito raramente analisado; mais precisamente, ao invés de se utilizar este conceito para reinterrogar a sociedade salarial (Fougeyrollas-Schwebel, 1998) se fala em termos de “dupla jornada”, de “acumulação” ou de “conciliação de tarefas” como se fosse somente um apêndice do trabalho assalariado. Daí um movimento de deslocamento e focalização sobre este último (as desigualdades no trabalho, no salário, trabalho em tempo parcial,...) e sobre o acesso à política (cidadania, reivindicação de paridade,...). Por sua vez, o debate em termos de relações sociais (de sexo) é bastante negligenciado (Kergoat, 2003, p. 58).

Helena Hirata (2001) vem lembrar que houve a expansão de espaço no mercado para a mão de obra feminina em escala mundial, ou seja, a mulher desempenhando atividades remuneradas no campo de atividades fora dos limites do lar, mas essa conquista mostra que as trabalhadoras ocuparam e ocupam posto de trabalho com relações e condições de trabalho precarizadas.

Mesmo com o aumento significativo das mulheres no mercado de trabalho não houve uma divisão do trabalho doméstico, gerando assim as duplas jornadas de trabalho. O uso do tempo de atividade doméstica, remunerada, de lazer e descanso é distinto para ela e para ele como coloca Dedeca (2004). Desta forma, entende-se que existe mais disponibilidade de tempo dos homens para estar participando de espaços fora da

reprodução da vida privada. Isto demonstra como a divisão sexual do trabalho se evidencia.

A divisão sexual do trabalho se apresenta de forma diferenciada no tempo e no espaço. Compreendê-la remete ao entendimento das práticas e relações sociais que se consubstanciam no meio social e que são históricas e mutáveis. Colocar as relações de trabalho das mulheres sulanqueiras visualizadas pelas lentes da teorização da divisão sexual do trabalho, propiciará questionar esse universo a perceber o que nele colabora para exploração, subordinação e manutenção de desigualdade entre homens e mulheres.

Capítulo 2

Percurso metodológico

O presente estudo compreende uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, que segundo Maria Minayo (2010) esta se preocupa também com o conjunto do universo das significações, dos motivos, das crenças, das aspirações. A diferença entre o quantitativo e o qualitativo está no fato de que um abrange os fenômenos no visível e concreto, e outro consegue chegar ao conjunto dos significados das ações e relações humanas, coisa que os dados numéricos por vezes não adentram. E quanto aos seus objetivos se define como descritiva e analítica.

O campo de pesquisa, como já mencionado, foi a cidade de Santa Cruz do Capibaribe que está localizada em Pernambuco, distante 180 km² do Recife, capital do estado, 56 km² de Caruaru-PE e 85 km² de Campina Grande-PB. Possui uma área total de 430 km² e encontra-se na área norte do agreste setentrional do estado, com clima típico do semi-árido e a temperatura média de 26⁰C.

As condições climáticas de Santa Cruz do Capibaribe não são muito favoráveis ao desenvolvimento de uma economia baseada na agricultura. Apresenta um solo muito pedregoso e uma precipitação pluviométrica média anual de 242.0 milímetros, uma vegetação predominante de caatinga hipoxerofila; devido à escassez e desigual distribuição das chuvas, características do semiárido nordestino. Diante deste cenário, foram se produzindo outras formas de trabalho para garantir a sobrevivência.

Santa Cruz do Capibaribe conta com uma população, segundo o IBGE, no ano de 2010, estimada de 87.582,00 habitantes. Chama a atenção com relação aos dados populacionais do município, o rápido crescimento do número de habitantes dessa região que em 1953, década de sua emancipação política, contava com uma população de cerca de 3.250 habitantes. A causa deste crescimento populacional se deve ao fato que a cidade tornou-se área de atração econômica por conta do desenvolvimento do comércio e da indústria. O crescimento da população teve início por volta dos anos 1960 e se intensifica na década seguinte, quando a sulanca passa a ser destaque nacional, propiciando, assim, migrações advindas da sua própria zona rural e de outras regiões do país. Santa Cruz tem uma distribuição demográfica com cerca de 97% da população vivendo na zona urbana e 03% na zona rural.

Hoje, Santa Cruz do Capibaribe juntamente com Toritama e Caruaru, é um dos municípios mais importantes do Polo de Confeções do Nordeste, onde micro e pequenas empresas fabricam e vendem para todos os estados do país, chegando até a exportação. Possui como base econômica a indústria e o comércio de confeções, comércio de tecidos,

retalhos e aviamentos, com destaque para a feira da sulanca. Responsável pelo desenvolvimento do município, esta atrai pessoas do país inteiro em busca de bons negócios que gerem bons lucros. A cidade também é conhecida como a “Capital da Sulanca”, “Terra das Confecções”, “Capital da Moda” e “Terra das Gameleiras”¹.

A partir das décadas de 50 e 60, do século XX, se iniciou o processo de industrialização na região de forma “autônoma” e “espontânea”, tendo seus precursores enfrentados “condições adversas” para implementar “alternativas de inserção social e produtiva (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2011). Esta industrialização se consolidou com a concentração da comercialização da produção no centro da cidade de Santa Cruz. Sua visibilidade popular tornou-se tamanha que a Feira da Sulanca passou a atrair compradores à cidade, como sacoleiras, camelôs, donos de lojas formais e consumidores de modo geral, que passaram a ter ali seu ponto de abastecimento no atacado e varejo de mercadorias a preço de fábrica (PEREIRA NETO, 2013, p. 166).

A origem do nome sulanca tem várias explicações, porém ninguém sabe ao certo como se deu. Uma delas relata que as aparas de tecidos que as mulheres reutilizavam, eram trazidas pelos homens que transportavam algumas mercadorias como carvão, por exemplo, para o sul e de lá retornavam com uma carga de restos de tecidos, denominado “helanca”. O pessoal de Santa Cruz, então, fez a junção do nome da região com a denominação do tecido: sul+helanca = sulanca. Outra versão conhecida e mostrada no filme “Sulanca”, de Kátia Mesel, é descrita pelo senhor José Diniz, empresário do ramo de confecções. Ele afirma que quando as pessoas que revendiam as peças confeccionadas em Sta. Cruz eram questionadas da origem das mesmas não sabiam o que responder então inventaram esse nome. Também tem outra versão: a de que certa vez um comprador dessas mercadorias disse que elas eram sucatas de tecidos dessa forma eram sulanca. Em Santa Cruz do Capibaribe hoje se produz todo tipo de artefato a partir de tecido: roupa íntima, mosquiteiros, mochila escolar etc.. Muitos da cidade não gostam de serem chamados de “sulanqueiro/a” e preferem categorizar-se como “confeccionista” por entenderem que o termo sulanca tenha e confira ao seu produto o um valor pejorativo.

¹ Espécie de árvore que predomina ainda hoje no local onde foram construídas as primeiras casas.



Imagem 1- princípios da feira realizada ainda nas ruas do centro da cidade. Foto: Jota Oliveira do <http://blogterradasulanca.blogspot.com.br> acessado em 25/10/2016.

Após explicitar o cenário da região onde foi realizada a pesquisa farei a seguir um relato das fases da coleta dos dados. Iniciei a parte prática da pesquisa com a aproximação dos possíveis participantes do estudo, que ocorreu no centro de vendas “Moda Center Santa Cruz”, local onde é comercializado grande parte da produção. Na ocasião procurei pessoas do meu ciclo de conhecimento que tem atividades no centro de compra e venda que me indicaram outras pessoas. Fiz o contato direto com estes/as trabalhadores/as às quais apresentei a proposta da pesquisa e seus objetivos. As/os participantes da pesquisa são mulheres e homens que desenvolvem atividade de trabalho produtivo no mix casa/fabrico na confecção de sulanca e que residem no mesmo local, bem como sejam proprietários do empreendimento. São mulheres e homens em convivência conjugal e que residam no mesmo endereço, com filhos ou não. O quantitativo foi de quatro casais, ao todo oito pessoas. Foi definido de acordo com o critério de aceitação de participação na pesquisa e que concordaram que a pesquisadora pudesse fazer a observação do trabalho no mix casa/fabrico.

A segunda etapa da pesquisa foi a fase da observação do trabalho do casal no mix casa/fabrico. A observação do trabalho se deu *in locu* que possibilitou a compreensão das situações de trabalho que se apresentam no cenário do mix casa/fabrico, buscando estabelecer como se desenvolve o processo e organização do trabalho das mulheres, os

outros membros da família e possíveis contratados. Esta técnica de coleta de dados é o que Eva Lakatos vai categorizar como observação em vida real:

Normalmente, as observações são feitas no ambiente real, registrando-se os dados à medida que forem ocorrendo, espontaneamente, sem a devida preparação. A melhor ocasião para o registro é o local onde o evento ocorre. Isto reduz as tendências seletivas e a deturpação na reevocação (Lakatos 2003 pag 195).

Foram realizadas observações diretas nos espaços casa/fabrico onde o casal trabalha e reside. A observação direta do trabalho permitiu traçar um quadro das relações sociais e técnicas do trabalho, suas nuances organizacionais e de configuração espacial deste espaço dual de produção/reprodução. Esta etapa da pesquisa foi importante, pois, também se configurou como momento de negação e ou confirmação de hipóteses. Além do mais foi possível apreender como os casais se organizavam para dar conta das atividades domésticas e familiares. Neste sentido, as observações foram aqui tratadas como fonte de dados para a realização das demais fases da pesquisa.

Utilizei também de questionários que buscaram informações que pudessem traçar o perfil socioeconômico das mulheres e homens participantes da pesquisa. Trazendo dados: individuais, sociais e econômicos, sobre a constituição familiar, atividades desenvolvidas no âmbito público e privado, divisão de tarefas domésticas e dados profissionais das mulheres e homens sultanqueiros. O questionário foi aplicado antes do início das entrevistas com os casais.

A aplicação desse instrumento de coleta de dados por si só revelou um ponto interessante do comportamento das e dos sultanqueiros, todas as pessoas pediram para que o questionário fosse lido e que transcrevesse as respectivas respostas dos participantes, sendo que três pessoas alegaram não saber ler e escrever e as demais que não tinham tempo para parar e responder. Todos foram aplicados enquanto desenvolviam alguma etapa da produção ou costurando, ou infestando, ou prestando contas das vendas da última feira entre outras.

Ainda foi utilizada a entrevista semiestruturada com as mulheres e homens confeccionistas/sultanqueiras que concordaram com os objetivos da pesquisa e se dispuseram a colaborar de forma direta com a pesquisa. Nesta etapa, a entrevista seguiu um roteiro, evitando distanciamento do foco da questão e dos objetivos do estudo, mas aberto

para possíveis perguntas que surgiram no decorrer do processo. A entrevista semiestruturada foi escolhida porque permite que o/a participante se coloque da maneira mais usual, com sua linguagem corriqueira, sobre os fatos que pretendíamos levantar. Além do mais possibilitou que pudesse dirimir as dúvidas que ficaram a partir das observações realizadas na fase anterior. Para Maria Minayo (1996) a entrevista é um instrumento privilegiado e possibilita coleta de informações reveladoras através da fala, dando ressonância a um/uma porta voz, legítimo/a representante de grupos determinados com condições histórico, sócio, econômicas e culturais distintas.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos casais em dia e hora pré-acordados. Neste sentido, as entrevistas ocorreram conforme a disponibilidades de horário das mulheres e homens. Apenas duas das pessoas entrevistadas deram uma pausa nas suas atividades para concederem a entrevista. As demais foram feitas durante o processo de produção mesmo, pois todos estes alegaram que não podiam parar, mas que se pudesse ser feita desta forma não se negariam em responder as perguntas. Houve uma preocupação comum sobre a finalidade do áudio e como seria reproduzido e/ou seus nomes divulgados publicamente, mesmo já antes explicados como seriam usados os instrumentos e os dados coletados. Foram necessários novos esclarecimentos e assim sentiram-se mais a vontade e não demonstraram nenhum incômodo. As entrevistas foram realizadas após o preenchimento do questionário, tendo como suporte um roteiro com questões que havia preparado antes do início da pesquisa. Busquei com a entrevista levantar dados sobre: o processo de produção da sulanca, a repartição das tarefas entre o casal tanto do fabrico como da casa, as relações de trabalho estabelecidas entre todos que trabalhavam em cada espaço, as atividades realmente realizadas pelo homem e pela mulher em cada mix casa/fabrico, remuneração e tempo de trabalho despendido, as condições de trabalho e as expectativas em relação ao trabalho. Enfim, pretendíamos saber como a divisão sexual do trabalho se estabelecia naquele mix casa/fabrico, sem deixar de analisar os aspectos das atividades relacionadas ao poder e a categorização de sexo. Com a entrevista procurei fazer a costura entre os dados coletados nas observações com a vivência diária e até mesmo perceber algo que estes não abarcaram que não poderia ficar de fora.

As pessoas entrevistadas preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que norteia os procedimentos e princípios éticos para a realização de pesquisa acadêmica, sendo garantido sigilo da imagem e identidade das mesmas.

A utilização desses instrumentos de coletas de dados me proporcionou uma aproximação aos resultados de diferentes formas, sendo que uma foi complementando a outra, determinada ocorrência que por ventura tenha ficado um pouco subliminar em alguma etapa, foi negada ou afirmada através da aplicação de outra estratégia metodológica de investigação. É possível concordar que existe uma maior credibilidade nos números alcançados, por não ter se limitado ao uso de uma única forma de apreensão desse real. O fato das e dos participantes demonstrarem-se poucos dispostos a interromperem suas atividades para concederem a entrevista e responderem aos questionários com suas próprias mãos não foi entendido como indisposição deles em participar, mas sim, a questão de quanto é tão latente a ideia do quão é caro o uso das horas na atividade de confecção de sulanca, parecendo ser as demais tarefas perca de tempo.

Uma última nota metodológica, para esclarecer o significado de algumas palavras e expressões, contidas neste documento e utilizadas no universo da sulanca, coloquei na última página um pequeno glossário que ajudará na leitura e no entendimento do texto.

CAPÍTULO 3

O mix casa/fabricao da Sulanca de Santa Cruz do Capibaribe.

Neste capítulo são apresentados os resultados da pesquisa e que estão expostos buscando traçar dados sobre os seguintes pontos: dados do perfil sócio econômico dos participantes do estudo; as condições de moradias; a configuração do espaço físico da residência que ao mesmo tempo é o local de produção fabril; processo de trabalho das unidades mix casa/fabricao; formas de administração; preferências de sexo para realização e divisão das etapas e tarefas da confecção de sulanca; jornada de trabalho; participação no orçamento e na execução das tarefas domésticas.

Através dos recursos de captação de dados foi possível obter informações que responderam aos questionamentos motivadores dessa pesquisa que visa observar as nuances da divisão sexual do trabalho na produção de sulanca em Santa Cruz do Capibaribe.

3.1. Perfil sócio econômico dos/as participantes

No que se refere à idade dos casais percebeu-se que as idades das mulheres variam, sendo uma de 29, duas de 34 e uma de 44 anos, já em relação aos homens se verificou que estão na faixa etária de 32 a 37. Quanto à auto declaração de cor dos/das entrevistados/as três mulheres disseram ser morena e uma branca; já em relação aos homens foram auto referidas quatro cores: negro, preto, pardo e marrom. Os casais que foram entrevistados residem em casa própria, suas famílias são formadas por no mínimo três e no máximo seis membros: sendo duas com três filhos, uma com dois e a ultima com um.

Quanto à escolaridade os dados mostraram que entre as mulheres entrevistadas uma estudou até a quarta série, duas estudaram até a quinta série e outra possui o ensino médio. Os homens possuem escolaridades diferentes: um cursa o ensino superior, outro possui a oitava série, um a quinta série e outro a terceira série. Os dados mostram que as mulheres entrevistadas possuem quase que a mesma escolaridade que os homens. Entretanto, a mais alta e a mais baixa escolaridade foi encontrada entre os homens.

Quanto à procedência dos/as entrevistados/as verificou-se que as mulheres e homens são naturais de Pernambuco, sendo que apenas uma mulher nasceu na cidade de Desterro, Paraíba, e um homem é natural de Porto Calvo, Alagoas. Dos/as participantes pernambucanos/as duas mulheres são de Brejo da Mãe de Deus e outra de Bezerros; já em relação aos homens dois são naturais de Brejo da Mãe de Deus e um de Santa Cruz do

Capibaribe. Aqui fica exposta uma das características da cidade de ser zona migratória de atração econômica devido ao desenvolvimento da *sulanca*. Todos iniciaram atividade laborativa ainda quando criança ou adolescente, as mulheres trabalharam na agricultura, vendendo em feiras livres e como domésticas e os homens na agricultura, vendendo picolé, cocada, e pegando frete nas feiras de mangai ou de *sulanca*.

O aumento da demanda por produtos fabricados em Santa Cruz do Capibaribe é um dos fatores que marca a introdução da mão de obra masculina na produção da *sulanca*. Para aumentar a produção e atender a demanda foi preciso que os maridos e filhos começassem a trabalhar na confecção familiar, engajando-se no processo produtivo com as mulheres. Mesmo tendo a presença masculina, a maior parte da mão de obra e da administração das fábricas de confecção é feminina. Segundo o SEBRAE/PE (2003): 75% da força de trabalho utilizada são de mulheres e aproximadamente 60% dessas trabalhadoras não têm suas carteiras de trabalho assinadas. Estas, então, se encontram fora da proteção legal que o trabalhador formal tem direito.

Quanto a participação política, principalmente das mulheres, ficou evidenciado que ninguém é filiado a partidos políticos nem participam de movimentos sociais, apenas um disse ser de determinada religião. E quando sua companheira afirmou que não participava de nada ele a questionou e disse que ambos eram de tal movimento religioso. Nesse momento ela argumentou que não se sente pertencente a este movimento, pois nunca é convidada a participar do planejamento das ações, nem ela nem as outras esposas, elas ***se encontram nos momentos para conversar, ou para preparar uma sopa, ou decoração algo assim, mais nunca pedem sua opinião, então ela não faz parte, apenas o acompanha nos eventos*** (Entrevistada A). Nesse momento percebemos aspectos inerentes a questão da dominação masculina. É como se a participação efetiva do homem nas atividades religiosas já presumisse que a esposa também participa. Mostra-se nesta situação uma atitude de posse da mulher por parte do homem. Entretanto, a reação da mulher mostra um protagonismo frente à tentativa de enquadramento por parte do marido.

As observações do trabalho e da rotina dos casais permitiram levantar aspectos relevantes das rotinas e da organização familiar. Foi possível perceber certa “independência” dos filhos e filhas em relação aos pais. Majoritariamente os mais velhos ajudam no cuidado e nas tarefas escolares dos menores, e nos afazeres domésticos, porém em sua maioria são as meninas a que executam estas tarefas do lar. Deste modo, verifica-se

a manutenção e naturalização da divisão sexual do trabalho, sendo ensinado desde cedo, que as tarefas domésticas são coisas de mulher. Todos os filhos e filhas dos casais entrevistados estudam em escolas particulares. Todos/as os casais possuem pelo menos um transporte motorizado. Numa família a adolescente, de doze anos, é quem conduz em uma motocicleta dois irmãos para ir e vir da escola. Os pais e as mães estão presentes em atividades da vida privada somente quando não há alternativa. Em outra família, quem realiza a tarefa de levar/buscar a filha na escola é quem estiver com o carro, pois como parte da produção de mercadorias deles é feita em facções (em outro local que não a casa/fabricao), daí aproveitam para realizar as tarefas fora de casa conciliando os trabalhos de fazer entregas de mercadorias, pagamentos ou compras com o horário de levar ou pegar os/as filhos/as na escola.

Em relação à remuneração individual semanal do casal foi possível verificar que da parte dos homens um recebe oitocentos reais, o segundo setecentos reais, o terceiro mil reais e o quarto duzentos e cinquenta reais. Já em relação às mulheres três delas disseram não saber do quanto era sua remuneração mensal, enquanto a quarta disse receber mil reais, igual valor do marido. Quando responderam ao questionário sobre qual a porcentagem de ajuda financeira nas despesas domésticas três dos homens apontaram que ajudam com 50% de seus recursos e outro com 70%; já no que se refere às mulheres duas disseram que contribuem, porém não sabem de quanto é a porcentagem da ajuda pecuniária nas despesas domésticas, uma disse que dispndia 50% dos seus recursos para as despesas do lar e outra ajuda com 80%. Nesse momento percebe-se uma diferenciação entre as respostas dos e das entrevistadas, algumas delas colocam não saber o quanto recebem e nem com quanto contribuem para as despesas da casa, deixando nas entrelinhas que sua renda, o que gastam consigo mesmas e as despesas com a manutenção da família se resumem a uma coisa só.

Às questões dos itens econômicos do casal os homens responderam de forma bem objetiva e as mulheres em sua maioria não soube precisar a remuneração e só metade delas soube dizer a porcentagem de gastos pecuniários com as despesas domésticas. O que pode está por trás dessa atitude das mulheres: será que elas realmente não sabem quanto ganham por mês? Ou será que não querem explicitar seus rendimentos? Enquanto pesquisadora e ex-sulanqueira fiquei com uma inquietação em relação a este ponto: como seria possível uma sulanqueira que administra sozinha ou em parceria com o esposo um fabrico, que tem funcionários, que comercializa, que controla estoque, que tem habilidades de domínio de

todo processo produtivo do que podemos chamar de uma pequena empresa não saber quantificar qual a parte dos seus rendimentos? No questionário perguntei para as mulheres se elas conseguem separar o dinheiro para suas despesas individuais e para as despesas da família. A maioria respondeu que não conseguia fazer esta separação, ou seja, neste mix casa/fabrico a mulher não consegue apartar sua vida privada do espaço publico (mesmo que dentro de casa) e reprodutivo. O dinheiro que ela ganha com seu trabalho no espaço produtivo do mix casa/fabrico não é apropriado de forma individual, ele se dilui no âmbito da família. O quadro abaixo ilustra como elas e eles quantificam seus rendimentos, qual a contribuição das despesas familiares e o percentual da ajuda.

| Quadro 1- Rendimento semanal – contribuição para o orçamento doméstico. | | | | | | | | |
|---|----------|----------|--------------------------------------|-----|---------|-------------------|-----|---------|
| Rendimento semanal R\$ | | | Contribui com as despesas da família | | | % de contribuição | | |
| Casal | Ele | Ela | Casal | Ele | Ela | Casal | Ele | Ela |
| A | 1.000,00 | 1.000,00 | A | Sim | Sim | A | 50 | 80 |
| B | 700,00 | Não sei | B | Sim | Sim | B | 50 | 50 |
| C | 250,00 | Não sei | C | Sim | Não sei | C | 50 | Não sei |
| D | 800,00 | Não sei | D | Sim | Sim | D | 70 | Não sei |

Quadro 1- Rendimento semanal – contribuição para o orçamento doméstico.

Já com os homens, todos deram números e percentuais objetivos e respostas do tipo: ***o meu gasto comigo e com a bicicleta*** (entrevistado C). Nenhuma das mulheres pontuou gastos/investimentos em ônus pessoais tipo: cabeleireiro, manicure, curso, academia, poupança, compra de um veículo, um imóvel, uma viagem e etc.

3.2 O mix casa/fabrico: O lugar se mora é também o lugar de trabalho

Todos os casais que participaram da pesquisa moram e trabalham no que denominamos de mix casa/fabrico. De acordo com as nossas observações realizadas durante a pesquisa pode-se dizer que alguns destes lócus de morar e produzir se configura da seguinte forma: existe o local de costura que pode ficar localizado no primeiro ou no último cômodo da casa, entretanto, para que o processo de produção aconteça é necessário à circulação por dentro do espaço da casa o tempo todo. Quando o processo de produção é

localizado na entrada os membros, parentes e/ou visitantes precisam estar passando por dentro do fabrico. Quando no final da casa os funcionários, entregadores, compradores e/ou prestadores de serviços precisam estar circulando por dentro da casa. A movimentação é constante e quase que não existe a separação do que é casa e do que é fabrico, fica a sensação da falta de um lugar de privacidade e descanso. Existem outras residências que possuem uma distinta configuração espacial que abriga o mix casa/fabrico. Em alguns destes as máquinas, mesas de corte, estoque, serigrafia entre outras, ficam totalmente misturadas com fogões, camas, sofás, ou seja, existem residências que não foram construídas ou organizadas para abrigar o setor de produção da confecção.

Nas observações, o fato que chamou a atenção foi à presença de materiais da *sulanca* além do local destinado especificamente para confecção. Foram visualizados em diversos cômodos da casa materiais como: mercadorias em geral, tecidos, aviamentos, máquinas e outros. Situação que a maior parte das mulheres entrevistadas fizeram questão de frisar como um elemento de incômodo do processo de produção da *sulanca* na casa/fabrico. Pode-se conferir na fala da entrevistada **A** quando se refere às condições de trabalho: “... ***Aí o espaço também, agente tá com a confecção dentro de casa, aí fica assim ó! Peça em cima do sofá, você num tem, num tem um espaço separado só pra isso***”. Por outro lado, nenhum dos homens comentou este aspecto. A garagem, os quartos e a cozinha servem como estoque das mercadorias que voltaram da feira, e depois são misturadas com as recém-confeccionadas para a próxima.



Imagem 2- Mix casa/fabrico. Fonte: Maria Tereza- pesquisa de campo. Outubro 2016.

Estas duas configurações espaciais que abrigam o mix casa/fabrico diminuem o caráter de privacidade das famílias. O lugar de se morar tornou-se também o lugar de se trabalhar por força das circunstâncias econômicas e sociais que se instalou na região. Para homens e mulheres esta transformação trouxe consequências diversas. Para as mulheres que ao longo do tempo vem conquistando “uma amenização dos trabalhos domésticos propriamente ditos” (Michelle Perrot, 2012) com esta configuração do mix casa/fabrico passam a assumir tarefas do mundo produtivo sem deixar o espaço reprodutivo. Muito embora estes dois espaços mudem a forma, o conteúdo e a quantidade das tarefas da casa e do fabrico. De algum modo, esse mix casa/fabrico representa uma transformação da tradicional divisão material e simbólica do mundo das relações sociais do trabalho (Michelle Perrot, 2012), bem como sexual, na qual aos homens se determinava as tarefas mais pesadas, qualificadas e do espaço público e para as mulheres o trabalho repetitivo, que não precisa de força e reprodutivo.

O processo de produção mix casa/fabrico não é uma modalidade nova de organização do trabalho pelo contrário “é uma das formas mais antigas de prestação de serviço” (ALMEIDA, 2005). Este tipo de processo de produção se desenvolve no Pólo de Confeção de Pernambuco em face das condições econômicas e sociais da região, já abordada em tópico anterior. O mix casa/fabrico pode ser definido como o trabalho realizado no domicílio, que pode ter um local específico para a produção ou pode ocupar vários cômodos da casa, exercido por pessoas da família (pai, mãe e filhos, inclusive crianças) e por pessoas contratadas (contratos variados) e pode envolver tecnologias de variados tipos.

Em nenhum dos dias das visitas que fiz para observação do trabalho foi preparado o almoço para a família, nem por um de seus membros nem por seus funcionários, coloco almoço devido ao horário que estive presente junto às famílias. Três dos quatro casais fizeram tal refeição nas casas de suas respectivas sogras. Na outra casa/fabrico visitada a pesquisadora foi convidada a almoçar com o casal em um *self service* sob a alegação de ser mais rápido e mais barato. O tempo que seria usado para o preparo da refeição é preenchido com atividades ligadas à produção de sulanca. A *entrevistada B* colocou que: “**quando não tem muito serviço aqui é que vou cozinhar e volto correndo pra cá**”. Nas entrevistas notamos falas de companheiros que dizem preferir cozinhar ao invés da esposa, pois realiza essa tarefa com mais agilidade e rapidez do que elas: **eu prefiro ir cozinhar**

porque quando ela vai demora demais, atrasa aqui [se referindo à produção da sulanca] e lá no almoço (entrevistado A).

3.3. Processo de produção da sulanca

A região de Santa Cruz do Capibaribe tornou-se um polo de geração de novos fluxos produtivos e comerciais, principalmente na cadeia produtiva têxtil e de vestuário. Foram se desenvolvendo ao longo dos anos a indústria de confecção com vários níveis econômico e tecnológico. Hoje já é possível encontrar-se a fabricação de vários insumos, equipamentos, aviamentos, fios, elásticos, tintas e outros na própria cidade para o arranjo produtivo da confecção de sulanca.

O processo de produção da sulanca nos mix casa/fabrico dos casais que foram entrevistados se configura de diversas formas. No mix casa/fabrico do casal **C** entrevistado o processo de produção é desenvolvido em um cômodo da casa, onde são instaladas as oito máquinas de costura e uma de corte. Neste mix produzem-se blusas femininas para adulto. No caso do casal **B** a atividade de produção de sulanca se realiza em dois cômodos de seis por seis metros cada. No primeiro cômodo estão as máquinas de costura e são feitas as etapas do processo que se utiliza dessas máquinas; no segundo cômodo estão: uma mesa para enfiar desmontável e uma máquina de corte, uma máquina de viés, a prensa térmica para sublimação (um tipo de estampa), telas, espátulas e tintas da estamparia. É neste espaço onde começa o ciclo da produção com o risco e corte (enfesto) dos tecidos e a etapa de finalização que compreende tirar linha, desavessar, dobrar e embalar. Em termos de equipamentos este mix possui doze máquinas, sendo: oito de costura, uma de corte, uma de corta viés, uma botoneira e a outra prensa para sublimação, esta operada majoritariamente o tempo todo por uma adolescente de treze anos que também opera a máquina em peças de terceiros, pela diversidade das máquinas acabam oferecendo o serviço realizado por essas máquinas em específico a outros parentes, como exemplo: pregar botões, cortar vieses, sublimar, que também confeccionam e por um preço mais em conta do que o mercado. As mercadorias fabricadas por esta família são blusas femininas e vestidos infanto-juvenis.

A situação do casal **A** difere dos dois apresentados já que reside em uma casa alugada, uma vez que a que possuem é muito pequena não comportando o mix casa/fabrico. Nesta casa alugada usam a garagem para estacionar um automóvel e uma

motocicleta e, também, como cômodo destinando a produção, embora mercadorias sejam encontradas em outros espaços da casa. O processo de produção deste mix possui atualmente quatro máquinas: três de costura e uma de corte. Entretanto, a maior parte da produção é terceirizada, ou seja, enviam os pedidos para as facções (realizada fora do espaço da casa). Neste mix são fabricados saias e vestidos longos. Neste espaço não se usa serigrafia, o tecido usado para confeccionar as peças já é estampado.

O último casal **D** trabalha com quatro máquinas: três de costura e uma de corte em um espaço de cinco por cinco metros, e também é visível a presença de elementos da confecção em praticamente toda casa, neste mix se produz blusas femininas.

A maioria das máquinas comuns em todos os mix casa/fabrico é do tipo overloque, na qual se faz as primeiras costuras para unir as partes de tecido da peça. É usada, também, para se colocar elásticos, entre outras tarefas. O outro tipo de máquina presente igualmente em todos os fabricos é a galoneira ou “goleira”, como popularmente é chamada, com esta se faz principalmente os embainhados e acabamentos como a costura do punho da manga de camisa de malha, o embainhado nos elásticos dos biquínis, ou colocação de viés, por exemplos. A máquina de corte é de dois modelos: de lamina e de disco. Possuem diversos tamanhos. Estes dois modelos estão presentes em três fabricos, sendo que a maquina de disco tem menor capacidade de corte, pois ela limita consideravelmente a altura do enfiesto. As peças produzidas em sua totalidade são femininas, variam entre vestidos, blusas, camisetas e saias (adulto e infantil). O que eles e elas chamam de *modinha*, forma de produção onde procurasse confeccionar o que está mais sendo procurado pelos clientes no momento. Não foi dito por nenhuma das pessoas entrevistadas o motivo pelo qual preferem confeccionar peças dessa natureza.

Na maior parte dos mix casa/fabrico a produção é levada para ser comercializada no Moda Center, algumas vezes vão fazer apenas as entregas, pois as transportadoras colocam os caminhões e carretas no centro de compras por ser um ponto de concentração dos vendedores, ou nas representações, que são locais onde os compradores ficam recebendo vendedores com os mostruários e encomendam os pedidos, como também fazem a pré venda pelo telefone.



Imagem 3 - vista aera do “Moda Center Santa Cruz”. Fonte: <http://www.mercedestaque.com> acessado em: 29/10/2016.

O prazo da entrega das mercadorias em sua grande maioria é obedecido, pois caso não entreguem a tempo para que sejam embalados os fardos os sulanqueiros não recebem. Geralmente quando o podido do cliente vai além da capacidade de produção da unidade em questão eles dividem o compromisso com outras pessoas, principalmente familiares, que também confeccionam e recebem uma pequena comissão em forma de agradecimento, para não deixar que os clientes peçam a outros fornecedores que possivelmente venham a agrada-los com uma transação mais vantajosa.

Todos trabalham com equipamentos atualizados quanto à tecnologia necessária para a produção. Nos espaços onde há maior tecnologia investida não foi percebido nesses mix casa/fabrico uma separação no uso pelo sexo, ou seja, mulheres e homens em suas atividades de trabalho. Fazem uso dos meios de produções de forma similar. A etapa de corte usando máquinas de alto desempenho, que podem cortar milhares de peças de uma vez, é realizada tanto por mulher quanto homem, da mesma forma quando usam o processo tradicional de cortar os tecidos à mão com tesoura, que tem a capacidade menor de produção. Deste modo, se verifica no processo de produção do mix casa/fabrico uma configuração diferenciada da divisão sexual do trabalho verificada em estudos sobre o assunto: a força de trabalho feminina convive com uma segregação vertical que implica o emprego da mulher “nos níveis mais baixos da hierarquia técnica, funcional e salarial na estrutura das empresas ou nas categorias ocupacionais” (Lorena Holzmann, 2000). No mix casa/fabrico a não hierarquização das tarefas e atividades de trabalho pode se dever ao tipo

de organização de micro empresa familiar e em domicílio, o que não quer dizer que mulheres e homens tenham condições iguais. Outros aspectos da pesquisa trarão elementos que demonstram que as mulheres neste processo de produção do mix casa/fabrico estão em desvantagem.

A força de trabalho utilizada no processo de produção do mix casa/fabrico envolve além do casal, filhos/as e mais outros empregados/as. Destes alguns são parentes em primeiro e segundo grau, reforçando assim o caráter de produção econômica de base familiar e os demais trabalhadores/as em geral. Durante as observações do trabalho dos casais foi possível notar que 60% dos/as trabalhadores/as contratados/as são mulheres, o que confirma o predomínio da força de trabalho feminina no setor confecção (Lorena Holzmann, 2000). A jornada de trabalho dos/as trabalhadores/as contratados/as no mix casa/fabrico, que estão envolvidos nas tarefas de costura, estamperia, embalagem etc. é variada e depende da quantidade de peças a serem confeccionadas. Nessa situação a jornada de trabalho só termina quando atingem a meta estabelecida. Isso acontece geralmente nos períodos de aquecimento das vendas, para fazer estoque e para dar conta de encomendas dos clientes permanentes, que solicitam o ano inteiro, e os de temporada. Parte dos/as contratados/as também trabalha nos dias de feira, comercializando nos boxes ou lojas. Nos dias de feira esta tem início por volta das quatro horas da manhã, ao começar a organizar os boxes para exposição das mercadorias.

Quando questionados/as sobre as horas trabalhadas na confecção as respostas se mostraram da seguinte forma: o homem do casal **A** diz que trabalha por oito horas diárias, a mulher coloca que não sabe, porque quem trabalha por conta própria trabalha direto, mas quantifica um total de dez horas. Aqui já sentimos uma discrepância nas afirmações lembrando que se trata de uma atividade desenvolvida pelos dois e no mesmo espaço físico. O homem do casal **B** diz que trabalha por onze horas diárias e ela trabalha por cerca de oito horas. Já o homem do casal **C** responde que trabalha por dez horas diárias e enfatiza que muitas vezes enforca (não faz) a refeição e a mulher afirma que chega a trabalhar por dezoito horas seguidas, diz ainda que das atividades domésticas não executa quase nada e que às vezes vai até uma hora da manhã atendendo clientes. E por último, o casal **D**: ele e ela alegam trabalharem oito horas igualmente.

O quadro a seguir mostra as respostas de cada casal.

| Quadro 2- Horas trabalhadas na sulanca | | |
|--|---------------------------------------|--|
| Casal | Ele | Ela |
| A | 10 h, às vezes enforcando a refeição. | 18 h, em casa não faço mais quase nada, às vezes 01 da manhã to atendendo cliente. |
| B | 11 horas | 08 horas |
| C | 08 horas | 08 horas |
| D | 08 horas | Não sei, porque quem trabalha pra pessoa trabalha direto... 10 horas |

Nesse momento cabem algumas considerações complementares: a mulher do casal A que diz que normalmente chega a trabalhar por cerca de dezoito horas diárias explicitou durante a entrevistada que além das tarefas da confecção procede ao gerenciamento e administração do negócio, repassa instruções aos funcionários, faz relacionamento bancário, realiza vendas, e participa de cursos voltados para o ramo. Utiliza-se da tecnologia de comunicação como internet e whatsAp para fazer seus contatos.

Sobre a falta de horário certo de início e término da jornada de trabalho uma das entrevistadas disse: ***Eu queria ter hora certa de começar, ter hora certa de parar... e de... . Quando eu fosse lá pra dentro minhas coisas tivesse tudo arrumadinha. Deu só ir descansar, eu parei de costurar eu vou descansar agora, vou me deitar, vou repousar, mas não tem como*** (entrevistada B). Para outra entrevistada o tempo do trabalho consome o tempo da vida, a jornada de trabalho se prolonga, o sem fim: ***É assim, o problema que eu vejo hoje, assim, o que ta precisando dá uma organizada, principalmente na questão do tempo, agente ta dedicando muito, muitas horas a confecção né. E é todos os dias da semana né, de domingo a domingo varias horas por dias*** (entrevistada A).

Fica nítido que o mix casa/fabrico invade o tempo e o espaço dos/as trabalhadores/as, principalmente dos membros da família, todo momento é hora de trabalhar. Esta forma de organização do trabalho que se erige no mix casa/fabrico impede que as pessoas tenham controle do tempo, de determinar as horas de trabalhar, de cuidar do trabalho doméstico e de descansar. As falas das entrevistadas mostram uma impotência diante da incapacidade de gerenciar o tempo. O trabalhar em casa parece permitir que cada

um possa ter um controle sobre seu tempo, determinar horários para cada coisa, o que significaria uma autonomia de estabelecer a jornada de trabalho. O dado do mix casa/fabricao não autoriza esta análise e pelo contrário existe uma invasão do produtivo no reprodutivo, do publico no privado.

No que concerne às relações de trabalho os dados mostram que três dos casais entrevistados trabalham de maneira informal, ou seja, sem as garantias da formalização trabalhista nem para eles e nem para seus/as funcionários/as. No caso do mix casa/fabricao do casal **B**. existem oito pessoas trabalhando; No mix casa/fabricao do casal **C** são quatro trabalhadores/as; No mix casa/fabricao do casal **D** são seis trabalhasores/as. Somando-se os seis proprietários/as perfaz um total de vinte e seis pessoas diretamente empregadas nos três mix casa/fabricao, sem nenhuma cobertura da legislação trabalhista vigente no país. O casal **A** que tem a empresa formalizada, na categoria de Micro Empreendedor Individual – MEI – possui apenas um/a trabalhador/a formalizado, que é a mulher do casal. Muito embora neste mix casa/fabricao tenham oito outras pessoas realizando atividades de trabalho. Entretanto, pelas regras formais a MEI pode ter um empregado/a contratado/a. Segundo a proprietária sua empresa já está fora dos critérios para modalidade e deseja organizar essa questão o mais breve possível.

A forma predominante de pagamento da remuneração nos mix casa/fabricao é por pré-acordo entre as partes. A remuneração dos/as trabalhadores/as é calculada de diversas formas: por unidade, assim quanto mais peças feitas mais recebem, por etapa ou tarefa realizada, neste caso tem um valor x que é pago por semana independente da quantidade. No caso da realização de serões, paga-se o acréscimo do tempo trabalhado. Portanto, os dados mostram relações de trabalho precarizadas, ou seja, ausência ou redução de direitos e garantias de trabalho. Como mais da metade da força de trabalho destes mix casa/fabricao são de mulheres conclui-se que a precarização do trabalho atinge fortemente o coletivo feminino ocupado.

Os produtos da indústria de confecção estão submetidos aos ditames da moda que periodicamente sofre mudanças, seja por causa da estação do ano, seja por pela reinvenção de novos estilos de roupas. Não é diferente na produção da sulanca, há sempre uma demanda de novos investimentos para acompanhar as mudanças e, também, propor novidades. Este é um movimento de sobrevivência econômica da indústria do vestuário, assim por certo uma peça nessa estação tem tecidos, cortes, estampas, aviamentos, costuras

seguindo uma tendência, posteriormente devido à lógica de consumo e da moda esta peça estará quase que obsoleta, não seu sentido funcional que é cobrir partes do corpo, mas no seu sentido de imprimir status, personalidade, estilo e atualidade que as vestes transmitem. Neste aspecto do acompanhamento das tendências da moda e da inovação do mercado da roupa os casais entrevistados disseram que buscam informações, principalmente, no local onde fazem a comercialização da produção, chamado de Moda Center, mas também buscam subsídios sobre o tema na internet. Segundo as entrevistadas, a principal forma de avaliar as tendências da moda é fazer uma caminhada por entre os boxes e lojas, conversando com outros sulanqueiros para saber quais os tecidos e modelos estão vendendo mais ou estão entrando na moda. Algumas vezes são os próprios clientes que sugerem a mercadoria, por já conhecerem a qualidade da produção, já terem estabelecida certa relação de compra e venda confiável, solicitam que seus fornecedores a confeccionem. É notada aqui uma característica presente desde a gênese até a atualidade, que é a influência empírica nos direcionamentos misturados as experiências práticas acumuladas pelo exercício de confecção e comercialização da sulanca. Apenas o casal cuja empresa é formalizada como MEI disse ter consultoria junto a entidades de apoio aos sulanqueiros para buscar informações e planejar as novas coleções.

Outra forma de definir o que produzir é buscar a opinião dos clientes sobre novas coleções. Um dos entrevistados disse que envia imagens de alguns modelos para os clientes pelo celular e solicita que eles decidam quais coleções e modelos desejam. Outra forma usada é a elaboração de um mostruário com as peças a serem produzidas e envia pelos correios juntamente com a tabela de cores. Com o resultado desta consulta produzem somente o que os clientes pediram, evitando, assim, o estoque e as feiras. Esta prática mostra uma relação direta com as características do modelo de produção Toyotista.

O Toyotismo é um modelo de produção surgido depois da Segunda Guerra na década de 1940 no Japão onde se prima por produzir apenas o necessário numa sincronia entre entrada de matéria prima – produção – vendas conforme desejo do mercado, onde o trabalhador tem que ser até multifuncional e adaptar-se rapidamente a mudança da mercadoria e com a alteração etapa pela qual é responsável. Como destaca Pinto (2013):

Fazia-se necessário um aumento simultâneo, tanto da produtividade- nos limites de uma produção que não se baseasse na grande escala -, quanto da capacidade de se produzir pequenas quantidades de diversos modelos de produtos (PINTO 2013. pag. 63).

Encontra-se também presente as características dos modelos Taylorista onde o trabalhador recebe qualificação para desenvolver a atividade específica da máquina ou equipamento que opera no momento, muitas vezes desconhecendo o processo na sua integridade. Assim para esse modelo, a qualificação é realizada restritamente ao posto de trabalho e não com um conjunto de predicados inerentes ao trabalhador.

3.4. Processo de trabalho e divisão sexual do trabalho

O processo de trabalho consiste no conjunto de elementos – objetos de trabalho, meios de trabalho e atividade (força de trabalho) – necessários para a produção dos bens indispensáveis à sobrevivência humana. O processo de trabalho da sulanca no que consiste a força de trabalho envolve várias atividades com especificidades diversas que são divididas entre vários trabalhadores. De acordo com os dados levantados os casais entrevistados se dividem na realização das tarefas da casa e do fabrico. A seguir apresentamos como cada casal se divide na realização das tarefas da confecção. O casal **D** traz a seguinte divisão: o homem diz que: **enfesta, corta, costura, coloca viés, coloca zíper, embala e vende**; a mulher diz que: **abanha e coloca viés**. Aqui segundo as falas percebe-se que as tarefas que exige uma maior força física são realizadas pelo homem que seriam enfiar e embalar. Já a companheira está nas etapas de acabamento.

Com o casal **B** a divisão ocorre de seguinte forma: ela **empana, coloca elástico, enfesta, coloca acabamento na reta**; e ele: **compra material, enfesta, corta, costura, abanha, embala, fardos, borda e vende**. Nesse processo de trabalho desenvolvido no mix do casal a mulher também **enfesta**, que é uma atividade que em algum momento necessita de força física. Igualmente o anterior a atividade de acabamento também é realizada pela mulher, que é atividade que carece de cuidado redobrado, destreza e paciência nos detalhes, de execução mais minuciosa.

Nas respostas do casal **A** as etapas realizadas por ela são: **compras, modelagem risco, enfesta, leva pra facção, gerencia e comercializa**. Enquanto ele: **compra matéria prima, enfesta, corta, distribui nas facções, acompanha a produção e qualidade, recolhe e vende**. Nesse caso ambos sabem costurar, porém, como fizeram a terceirização da confecção, a costura e suas etapas inerentes foram entregues totalmente para as facções. Embora na entrevista o/a entrevistado/a não tenha dito que embalam as roupas foi

observado diretamente mix casa/fabrico que essa etapa é feita na casa deles e ambos fazem os fardos.

O casal do mix casa/fabrico **C** afirmam que ambos: **empanam e comercializam**. O homem além das etapas já citadas que realiza com a companheira, tarefas acima, ainda **corta e arruma**. E a mulher: **coloca viés e embala**,

Dentre todos os casais há pelo menos uma pessoa que gerencia, mas só um dos casais citou essa atividade, por sinal é o que tem orientação mais sistematizada, vou chamar assim, pois participam constantemente de cursos de aprimoramento em entidades de apoio aos confeccionistas sulanqueiros. O fato de não ter citado espontaneamente não exclui a gestão da lista de funções deles e delas, talvez essa seja mais uma atividades que executam e não tem consciência clara, do tempo despendido para com a administração e o gerenciamento.

A administração da confecção, na maioria das vezes não foi citada, é compartilhada, porém tem algumas tarefas que um ou outro assumem. Em um mix casa/fabrico foi dito pelo entrevistado que toda preocupação com a gestão da sulanca e doméstica e inclusive com os filhos é de sua companheira, ele segue as recomendações dela sem discussão. Outro sulanqueiro colocou que acredita que o trabalho da esposa deve ser muito mais difícil do que o dele pelo fato dela administrar as esferas domésticas e da sulanca: **“eu sou quem mando em tudo aqui, acho que pra ela é mais ruim”** (Entrevistado B). Aqui acontece uma declaração explícita da existência efetiva do patriarcado que em outro momento é confirmada pela sua companheira quando responde a pergunta de como percebe que seu trabalho é mais valorizado ou menos valorizado que o dos homens? Em que situação? **Menos valorizado. Não. Porque assim; [a entrevistada diz o nome do companheiro] é muito estressado, e tudo que a pessoa faz nada pra ele não presta, nada tá certo. Aí nesse sentido** (Entrevistada B). É notável que exista uma insatisfação dessa mulher tanto no seu entendimento de dona de casa quanto no de trabalhadora, companheira que divide os mesmos espaços, os mesmos mundos – produtivo e reprodutivo- onde percebe que não consegue agradar o cônjuge como deseja, e ao mesmo tempo ele reconhece que a situação para ela não é a das melhores, pois usa de voz clara e objetiva para afirmar que ele manda em tudo.

Nesta relação social de sexo que se estabelece no mix casa/fabrico se organiza o que Delphy chama de *modo de produção doméstico* já que se verifica que a mulher está sendo triplamente explorada seja como trabalhadora doméstica, esposa e trabalhadora do fabrico. Neste contexto, também se apresenta uma situação de classe apropriada, no caso das mulheres, seja pelo marido ou outros homens da família. Para muitos a ordem, a palavra final é do homem da casa podendo ser o marido, o filho, o irmão, o avô, o tio, o padrasto entre outros. Não se concebe uma forma diferente de desenvolvimento de relações entre os sexos que seja com os homens no comando para o modelo patriarcal. Hierarquia esta que não se limita ao ambiente familiar, se capilariza por diversos espaços, na arte, por exemplo, quando mulheres usam de pseudônimos masculinos para assinar alguma criação, nas instâncias de poder ou de representação quando é preciso ter conta mínima de vagas para as candidaturas de mulheres, e muitas vezes os partidos não disponibilizam as mesmas condições de campanha para os candidatos homens, como também no mundo do trabalho com salários desiguais, com poucas mulheres nos cargos de gerencia ou de chefia e de maiores valores agregados.

Quanto à relação estabelecida com os/as trabalhadores/as contratados ficou explicito que a maioria dos homens prefere que as companheiras façam o controle de qualidade, repassem informações, reclamações e ensinem a execução de novas etapas da produção.

Em relação à questão que se refere à etapa considerada com um valor agregado mais alto e sobre quem a executa, a maioria coloca que são as etapas de acabamento e que geralmente quem executa são as mulheres, e mesmo sendo as mulheres a executarem as tarefas consideradas mais caras, nenhum alega pagar de maneira diferenciada as mulheres.

No quadro abaixo apresentamos as respostas dos casais sobre as etapas que consideram mais importantes na confecção das roupas.

| Quadro 3 – Tarefa que consideram de maior valor | | |
|---|---------------------------------------|-----------------------|
| Casal | Ele | Ela |
| A | Empanar | Acabamento |
| B | Acabamento | Enfestar |
| C | Nenhuma, ganha mais quem produz mais. | Acabamento (goleira) |
| D | Não tem diferença | abanhado (acabamento) |

Outro fator que aponta que a divisão sexual do trabalho é desigual nas relações de trabalho em Santa Cruz do Capibaribe, refere-se à disparidade no valor agregado das tarefas realizadas por eles e elas. Na maioria das vezes as tarefas desenvolvidas pelos homens são mais bem remuneradas, mesmo quando menos complexas e desenvolvidas em menor tempo. Ao contrário, a etapa do acabamento das peças – fase onde se avalia a qualidade e o valor da mercadoria – realizada pelas mulheres tem menor valor agregado (SEBRAE/PE, 2003).

Quanto à preferência pelo sexo para seleção de pessoal para ser contratado e trabalhar no mix casa/fabricao todos disseram que não fazem distinção entre ser homem ou mulher. Uma das entrevistadas diz que se for contratar para confecção não tem preferência, mas se puder escolher uma mulher acha melhor, pois esta pode ajuda-la nas tarefas domésticas quando for preciso, já um rapaz fica complicado. Aqui se mostra mais uma vez uma exploração da força de trabalho feminina com uma nuance singular, que é a possibilidade de que o trabalho doméstico seja externalizado para uma trabalhadora contratada para fazer o trabalho de operária. Portanto, a trabalhadora será explorada enquanto operária e enquanto empregada doméstica. Situação que confirma e reproduz o patriarcalismo. Os homens destinam estas tarefas de gerenciamento para as mulheres porque compactuam e apoiam os arranjos que as mulheres montam para que o *modo de produção doméstico* do mix casa/fabricao funcione e dê lucros. As mulheres usam esta estratégia de preferir mais a força de trabalho feminina porque elas estão mais habituadas a aceitar assumir estes papéis de trabalhadora doméstica e operária. De certo modo, a mulher do casal do mix casa/fabricao prefere contratar foça de trabalho feminina porque elas podem aliviar ou diminuir suas atribuições no espaço doméstico. Por isto, muitas das trabalhadoras contratadas no mix casa/fabricao são parentes ou pessoas próximas da família ou, ainda crianças. Neste *modo de produção doméstico* não se contrata um homem pensando nesse segundo plano de possibilidade laboral porque aos homens se determina o lugar de mando, de explorador.

A carga horária é outro aspecto do processo de produção da divisão sexual do trabalho. A média de tempo gasto nas tarefas de produção econômica da sulanca é de pouco mais de nove horas diária, geralmente incluindo os sábado e os domingos, sendo que a menor carga horária citada é de oito horas e a maior é de dezoito horas e a estas ainda vem a se somar as horas de trabalho doméstico.

A entrevistada **A** colocou que: ***por conta do “sap” agora atende os clientes a qualquer momento, as vezes dá uma hora da manhã e ela ainda ta conversando com os clientes.*** A todo e qualquer momento que estão em casa ou fora dela geralmente estão desenvolvendo alguma tarefa do processo de confecção. Fica explícito a reconfiguração da extensão da jornada de trabalho impondo-se nesse momento para além da realização do trabalho objetivo material (que é aquele quando se produz efetivamente uma mercadoria, um produto concreto e palpável), para o imaterial (que não se tem como consequência deste uma peça ou objeto tátil), como também do espaço destinado para isso. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação possibilita rápido contato entre as pessoas e isso foi apropriado e é utilizado no mundo em geral e no da confecção de *sulanca*, também.

Todas as crianças e adolescente, filhos e filhas das pessoas pesquisadas, quando não estão na escola estão envolvidos em uma das duas modalidades de ocupação ou o trabalho doméstico ou na confecção. Esse dado chama a atenção pelo fato de que observando o perfil das e dos entrevistados percebe-se que todas e todos iniciaram a vida de trabalho bem cedo, por volta dos doze anos de idade.

E ainda complementam dizendo que a *sulanca* foi uma válvula de escape menos dolorosa que as outras atividades frente as que desenvolviam antes dela. A **entrevistada A** revela no questionário que começou a trabalhar na confecção ajudando aos pais aos onze anos, e quando questionada sobre o que faria para melhorar suas condições de trabalho diz: ***“Pra mim que já trabalhei na roça tá ótimo, é a vantagem de trabalhar no pesado depois tudo é fácil, tudo é tranquilo”.*** Aqui fica claro que se veio trabalhar com confecção com onze anos de vida e antes já havia trabalhado na roça, hoje aos vinte e nove, tem quase dois terços de sua vida como trabalhadora e as dificuldades da atividade que exerce são um detalhe diante do que já viveu e assim não as considera como penosa.

O entrevistado **C** que diz que: ***“pegava frete e vendia picolé, (antes de trabalhar com *sulanca*)... e hoje faz o seu horário e salário e tem dinheiro para comprar o que quiser”*** começou trabalhando em feiras fazendo fretes em carroça de mão aos dez anos de idade, também ainda criança. Esses dados revelam que praticamente todas as pessoas participantes desta pesquisa são marcadas pela realidade do trabalho infantil e iniciaram sua vida laboral na *sulanca* como alternativa emergencial fugindo de outras atividades que elas e eles consideram serem mais difíceis e com menor valor de remuneração agregado.

Sobre a divisão do trabalho doméstico nem todos os membros da família realizam as tarefas inerentes a este espaço, porém todas as mulheres (esposas ou filhas) desenvolvem atividades de produção e doméstica. Fica evidenciado nesse cenário que as mulheres trabalham e dividem as tarefas com os companheiros no espaço da produção econômica, mas eles pouco participam das atividades referentes ao cuidado da casa e ou da família. O quadro abaixo apresenta a quantidade de horas que cada casal disse despender nas atividades domésticas.

| Quadro 4 – Horas trabalhadas nas atividades domésticas. | | |
|---|---------|-------------------|
| Casal | Ele | Ela |
| A | 01 ½ | 04 |
| B | 03 | O resto das horas |
| C | Nenhuma | 04 |
| D | 01 | 05 |

O homem do casal A refere trabalhar em casa cerca de uma hora e meia por dia, enquanto a mulher trabalha quatro horas. O homem do casal B diz trabalhar três horas e a mulher não deu um número exato e disse **o resto das horas**. O homem do casal C disse que não realiza tarefas no âmbito doméstico e a mulher disse gastar quatro horas diárias nas atividades de casa. Já o homem do casal D disse gastar 1 hora diária com atividades domésticas e a mulher disse que passa cerca de 5 horas em trabalhos domésticos.

O Quadro abaixo traz a soma das horas diárias dispendidas por cada membro do casal nas atividades de produção (quadro dois apresentado na página 63) e de reprodução e mostra a diferença de horas trabalhadas por dia.

| Quadro 5 – horas trabalhadas na produção de sulanca e nas atividades domésticas e a diferença de horas trabalhadas de forma geral entre elas e eles | | | | |
|---|-----------------------------------|----------------------------------|--|-----------------------|
| Soma das horas trabalhadas no fabrico e na casa | | | Diferença das horas trabalhadas pelas mulheres em relação aos homens | |
| Casal | Ele | Ela | Diferença por dia | *Diferença por semana |
| A | $10+1\frac{1}{2} = 11\frac{1}{2}$ | $18+01 = 19$ | Ela trabalha a mais 07½ a mais | 45 a mais |
| B | $11+03 = 14$ | $08+ \text{resto das horas} = ?$ | ? | ? |

| | | | | |
|---|------------|------------|-------------------------|-----------|
| C | 08+00 = 08 | 08+04 = 12 | Ela trabalha 04 a mais. | 24 a mais |
| D | 08+01 = 09 | 10+05 = 15 | Ela trabalha 06 a mais | 36 a mais |

*considerando apenas 06 dias de trabalho.

Como pudemos verificar na quantidade de horas trabalhadas no fabrico as mulheres no geral dispendem mais horas na produção de que os homens e conforme apresentado no quadro de horas dispendidas no trabalho doméstico as mulheres, também, trabalham mais. O quadro comparativo dos dois tipos de horas trabalhadas mostra que as mulheres tem uma sobrecarga de trabalho durante o dia e no acumulado da semana. Deste modo, os dados de nossa pesquisa corroboram as diversas pesquisas que demonstram a realização de dupla ou tripla jornada de trabalho das mulheres.

Como as mulheres entrevistadas não podem terceirizar suas atividades domésticas, ou seja, contratar outra pessoa para fazer os trabalhos do lar, acaba sobrando para ela ou outras mulheres da família, como filhas e mães. A entrevista **A** disse que as atividades da produção e da vida privada se interpenetram o tempo todo. Para ela não existe um tempo pré-determinado para cada espaço ou para cada atividade. Na medida das necessidades a tarefa é engendrada.

é todo tempo é hora de fazer o que tá precisando. Não existe uma divisão. Pronto de tal hora até tal hora só confecção, agora a partir de tal hora vai ser casa, não tem isso não. É, é essa loucura
(Entrevistada A).

É tão forte esta normatividade do lugar socialmente determinado para as mulheres, que para elas é difícil decidir se dedicar mais ao espaço público. Quando questionada sobre como concilia estas duas condições (sulanqueira e dona de casa) da sua vida, a entrevistada responde: ***Durante muito tempo eu tive muita dificuldade nisso, até que (intervalo)... eu cheguei assim poxa!, Eu tenho que ter uma prioridade, e a prioridade é o ganha pão, primeiro o trabalho, a casa se der tempo*** (Entrevistada A).

Este aspecto mostra que apesar de acumular tarefas domésticas as mulheres entrevistadas se dedicam ao trabalho do fabrico. A entrevista B diz que seu tempo é mais dedicado a confecção e que as tarefas domésticas ficam em segundo plano: (...) ***a lavar roupas é assim, vamos supor: tem pouco serviço aqui de manhã, ai eu vou lavar roupa,***

ai se tiver muito ai já não faço, ai tem pouco serviço eu vou faço uma coisa (Entrevistada B). Esta entrevistada não precisou numericamente o tempo gasto nas atividades do lar.

A entrevistada C disse que não se envolve diariamente com as tarefas domésticas. No caso desta trabalhadora o espaço da produção domina seu tempo: ***A tarefa da casa fica nas horas vagas do serviço, da confecção*** (Entrevistada B).

Os dados mostram que para a mulher conquistar e ocupar o espaço público tem que se desdobrar nas atividades da produção e reprodução. Apesar de várias destas mulheres entrevistadas dizerem que se dedicam mais a atividade de confecção ao final e ao cabo dos dias e da semana elas trabalham bem mais do que os homens.

3.4.1 Condições de trabalho

Ao abordarmos as condições de trabalho estamos interessados/as em levantar aspectos inerentes ao ambiente físico (temperatura, barulho, pressão, vibração, irradiação, altitude, etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do posto de trabalho. Questionados sobre as condições de trabalho especificamente no seu mix casa/fabrico as respostas apontaram algumas indicações preocupantes. Um dos entrevistados colocou que para melhorar sua condição de homem sulanqueiro deseja apenas administrar e não costurar, mais expressou que as condições de trabalho são boas: ***A cadeira é boa, a iluminação é boa, mas o barulho é ruim*** (Entrevistado C). Este demonstra incômodo com o barulho e ruídos do espaço onde trabalha. O barulho é uma questão comum de todas as unidades produtivas visitadas. Além do ruído das máquinas de costura e ou de corte, apesar de que atualmente a indústria tem buscado reduzi-lo, existem também aparelhos e equipamentos de som ligado o tempo inteiro num volume que cobre o som produzido pelas máquinas. Por isso, a comunicação entre os trabalhadores é no grito propriamente dito. Apenas no fabrico onde a maior parte da produção é terceirizada para as facções da região é que o aparelho de som estava na sala, mas talvez se explique pelo fato de que o proprietário como é músico de formação o use para suas atividades acadêmicas. Ainda ao que concerne aos fatores de risco físico do trabalho uma das entrevistas se queixou da poeira existente no mix casa/fabrico. Um dos entrevistados diz serem as condições de trabalho péssimas, mas não teceu comentários sobre os agentes ou as fontes dos fatores de

risco que deixam o trabalho nesta situação. Outro fator de risco que apareceu foi o psicológico cujo agente é a sobrecarga de trabalho e a fonte é o prolongamento da jornada de trabalho. Uma das entrevistadas disse: ***Eu queria ter hora certa de começar, ter hora certa de parar... e de... quando eu fosse lá pra dentro minhas coisas tivesse tudo arrumadinha. Deu só ir descansar, eu parei de costurar eu vou descansar agora, vou me deitar, vou repousar, mas não tem como*** (Entrevistada B).

Na observação do trabalho aproveitei para usar da experiência que adquiri por ter passado um tempo confeccionando e fiz algumas anotações quanto aos aspectos de segurança do trabalho dos mix casas/fabricos: as cadeiras não são ergométricas, são cadeiras de mesa de jantar comum que existe na maioria das residências das famílias, ou cadeiras de ferro forradas com certo tipo de mangueira fina de plástico, normalmente chamada cadeira de macarrão, alguns trabalhadores e trabalhadoras usam almofadas, muitas vezes feitas com restos e aparas do material da confecção mesmo, para sentar, pois a sensação ao se levantar depois de ficar horas sentada numa cadeira de macarrão é bem parecida com uma queimadura na pele, por alguns instantes arde bastante, como também conheço colegas costureiras que já tem marcas escuras na parte de traz das coxas devido a isso. A iluminação é genérica, usam lâmpadas fluorescentes, que economizam mais, não é direcionada para a parte da máquina onde está sendo feita a costura. Existe uma peça que é adaptada na máquina com uma luminária que direciona o foco da lâmpada para “agulhas, lupos e sapatás” (lugar onde a costura acontece, para onde se estar olhando a maior parte do tempo), porém é cerca de dez por cento apenas que estavam com esse recurso. A ventilação é feita por ventiladores de parede de 50 cm a 60 cm, o que não esfria, às vezes engancha as linhas/fios e espalha o pelo dos tecidos e malhas. A instalação elétrica é de uma unidade doméstica, nenhum dos sulanqueiros fez a adaptação. Outra preocupação são os resíduos sólidos que essa forma de produção gera. No mix casa/fabrico que tem a estamparia a lavagem das telas é feita na rede de esgoto doméstica, sendo que nos rótulos das tintas e pigmentos vem à instrução de não despejar resíduos na rede porque em contato com a água eles se plastificam, com o tempo vai entupindo o sistema de escoamento. Como também o descarte de embalagens, aparas, bucha etc.

Silva (2010) em pesquisa sobre a destinação dos resíduos sólidos produzidos por fabricas de confecção em Santa Cruz do Capibaribe faz um alerta sobre a produção de resíduos.

Neste sentido, esta deve ser uma preocupação dos gestores locais. Como criar ações de gestão dos resíduos, se não se sabe sobre o quanto se produz? É bom lembrar que não se trata de um fenômeno novo, uma vez que os fabricos existem desde os anos 1940, ainda que timidamente, e ao longo das décadas foram se aprimorando e expandindo suas atividades, chegando a destacarem-se, atualmente, entre as cidades que fazem parte do Polo de Confecção do Agreste pernambucano, por ser a maior produtora de confecção do estado. Considerando fatores como esses, podemos entender que também estará entre a maior produtora de resíduos sólidos da atividade de confecção. Acrescentamos, ainda, a informação sobre o fato de Santa Cruz possuir o maior centro de confecção da América Latina (SILVA 2010. p. 65)

Perguntados sobre a existência de alguma queixa de agravo a saúde um dos entrevistados disse ter constantemente uma dor na coluna que o faz parar de costurar diversos vezes durante o dia, chegando a ficar mais de três dias sem poder costurar e ao ser questionado sobre algum problema de saúde causado pelo trabalho, revelou? ***Dor nos pinhaço*** (Entrevistado C). Entretanto, não relaciona esse sintoma com a atividade, já que passa diversas horas seguidas sentado na mesma posição, executando os mesmos movimentos. O trabalho, provavelmente, pode ter causado esse problema nas costas e se não foi o causador pode ter agravado a lesão. Este trabalhador diz ter iniciado sua atividade de costurar desde criança e já se passaram cerca de 27 anos de atividade. Uma das mulheres, quanto à questão de saúde diz que não tem reclamações, mas sofre com crises alérgicas: ***Não. Só assim, eu desenvolvi quando eu cheguei aqui eu desenvolvi uma alergia a poeira, pelo. Tenho muita facilidade de adoecer por conta da questão de, de, da poluição*** (Entrevistada A). O que pode estar relacionado a essa crise é a grande quantidade de pelo dos tecidos, o cheiro das estampas, dos elásticos e etc. Entretanto, argumenta que o trabalho da confecção é bem mais leve, comparando com o já trabalhado na roça: A entrevista **B** ao ser perguntada se possui algum problema de saúde por conta do trabalho diz que não. Em outro momento na observação do trabalho ouvi a mesma reclamando de dores nas costas, então a lembrei dessas dores e disse rindo que não se incomodava mais porque já tinha se acostumado. Os outros homens e mulheres alegaram que as condições de trabalho são boas e satisfatórias.

A entrevistada **D** diz sobre as condições de trabalho que o pior é o barulho também. Quanto a sua saúde prejudicada pelo trabalho coloca que às vezes tem dores de cabeça e stress: ***uma dorzinha de cabeça, o stress assim uma coisa assim*** (Entrevistada D).

No que concerne ao que gostaria que fosse modificado no seu processo de trabalho para melhorar sua condição de trabalho e as relações de trabalho as respostas destacaram questões que apontam desde melhoria no espaço físico, no valor do salário recebido como proprietário, na diminuição das horas trabalhadas até a ampliação do quadro de funcionários/as.

O entrevistado **B** diz que gostaria de: ***Um salário mais digno melhor, pra poder viajar e luxar um pouquinho.***

A resposta da entrevista **A** destaca a ampliação do espaço físico para poder contratar mais mão de obra: ***O espaço físico, que vai demandar melhoras de condição de trabalho, a possibilidade de você adicionar pessoas ao quadro, de ter um quadro de funcionário mais eficiente, que possa resultar depois na questão da produção.*** Como também o entrevistado **A** quando coloca que: ***Eu, eu gostaria de conseguir é ... uma mão de obra que me auxiliasse e que dividisse minha tarefa pra mi ter menos horas assim de atividade por dia.***

As falas anteriores mostram uma preocupação com o aumento da força de trabalho disponível no seu mix casa/fabrico, com o intuito de dividir a quantidade de tempo que exerce as atividades da produção, ou seja, ter uma reorganização da carga horária. A devolutiva da entrevistada **B** vai numa mesma linha da necessidade de sistematização e delimitação do tempo produtivo e reprodutivo, além do que demonstra a frustração diante da realidade de ser a própria quem realiza as atividades domésticas.

O desejo do entrevistado **C** é o de: ***Não costurar, ficar só administrando.*** O que não significa sair totalmente do mundo da confecção, assim nesse mesmo sentido é a fala da entrevistada **D** ao dizer que: ***Nem sei. Sei que tem tanta coisa pra melhorar.*** [Pensa um instante em silêncio e complementa]: ***Mas uma coisa? Tem muita, mas o que seria essa coisa? Pra melhorar? Era botar as peças tudo fora.*** [Para entender o que seria “botar as peças tudo fora”, pergunto se é mandar para uma facção?] e responde com bastante ênfase e empolgação: ***Sim pra eu ficar livre.*** Sua expressão foi tão intensa que chegou a nos causar alguns segundos de risos. Esta resposta demonstra que esta mulher não está satisfeita com o acúmulo e mistura de atividades da vida pública e privada. Parece ter um sentimento de prisão nesta situação vivenciada no mix casa/fabrico. Apenas uma das

mulheres disse que não teria nenhuma sugestão de mudança no momento, embora soubesse que existem muitas coisas a serem melhoradas.

3.4.2 Significado do trabalho

Como todos e todas ingressaram no mercado de trabalho de forma prematura e precarizada o mundo da sulanca mostra-se para estes como um porto seguro. Apontam que ocorreram diversas mudanças positivas nas suas vidas por conta do trabalho na sulanca, como por exemplo, o fato da posse do dinheiro e poder decidir o que consumir. Outro ponto positivo é a ideia de poder decidir o horário de trabalho, porém de modo contraditório trabalham bem acima do que se prevê para o horário da indústria. Quando tem outras necessidades como às físicas ou cuidados dos filhos e filhas é que determinam o momento de parar.

Chegava sempre no período da manhã e ficando até por voltas das dezessete horas, presenciei situações do dia a dia que estão diretamente atreladas à questão de horário, aqui destacando como exemplo levar e pegar as crianças e adolescentes até a escola. Por se tratar de uma tarefa necessária de ser cumprida e que não é flexível em relação ao horário de realiza-la, ao desejo particular de cada família, é algo que não permite a escolha de executar-se quando as atividades da sulanca deixarem é algo que não espera que a produção termine.

E, paradoxalmente, com a questão da autonomia, quando questionada sobre o que pode melhorar na sua vida na condição de mulher sulanqueira então aparece à demanda por ter mais tempo para cuidar da casa e da família como também mais tempo para descansar. Então se foi dito como ponto positivo poder escolher o horário de trabalho, como não podem diminuir efetivamente a carga horária e atender estas necessidades apontadas? Estaria elas passando por uma alienação nesse sentido, ou simplesmente é uma consequência de uma possível falha de gerenciamento do tempo?

Foi questionado também como usam as horas vagas, o que fazem nas horas em que não estão trabalhando, sobre isso apresentaram as seguintes respostas:

| Quadro 6- vivência das horas livres | | |
|-------------------------------------|--|--|
| Casal | Ele | Ela |
| A | <i>Com a família, passeio, diversão, apenas com a família.</i> | <i>O que é isso? (risos) É, é tão raro, é tão raro Tereza ter hora livre. Mas quando tem, quando se organizar direitinho pelo menos uma vez por ano, agente viaja, vai pra praia, vai pra um passeio, visitar a família em outra cidade.</i> |
| B | <i>E difícil eu ter hora livre, eu sempre to trabalhando. (complemento: mas quando tem?) quando tem eu tô dormindo, descansando.</i> | <i>Arrumando minha casa.</i> |
| C | <i>Ando de bike</i> | <i>Geralmente pra descansar mesmo</i> |
| D | <i>O que eu faço nas horas livres? Repouso um pouquinho.</i> | <i>Cuido na casa</i> |

Em relação a esse ponto duas das respostas masculinas colocam que tem dificuldade de ter essa hora livre, mas todos eles discorrem sobre atividades de descanso ou lazer. Já as respostas femininas também mostram a raridade em possuir tempo livre, que aqui se torna praticamente um objeto de luxo, sendo assim duas das mulheres alegam usá-las para desenvolver atividades de cuidados da casa perdendo totalmente seu caráter de livre. Uma diz que usa para descansar mesmo, e outra afirma que procura encontrar e aproveitar esse momento pelo menos uma vez por ano com alguma atividade de lazer ou familiar.

A posse de dinheiro é o que mais pode trazer satisfação no trabalho para os entrevistados e todos e todas disseram que o que mais os realiza enquanto sulanqueiro ou sulanqueira é quando as vendas estão em altas permitindo abrir diversas vagas de trabalho em seus fabricos como também o contentamento de seus clientes quando relatam que revenderam sua produção com sucesso.

4. Considerações finais

É imprescindível dizer que as mulheres sempre estiveram desenvolvendo atividades ligadas ao trabalho: professoras, operárias, agricultoras, costureiras entre outras tantas formas atividade nas quais ocorre o processo de modificação do meio em que vive e de si mesma nas diversas relações que se estabelecem. A medida que foram elencando o quadro de mão de obra paga em tarefas fora do espaço doméstico esse fato não as responsabilizaram-nas de serem as executoras “naturais” das atividades de cuidado do lar e da família.

A introdução mais forte da mulher no mundo do trabalho produtivo se deu a partir do desenvolvimento massivo da industrialização, principalmente de forma penosa para essas trabalhadoras.

Esta pesquisa é tecida pelas reflexões oferecidas no referencial teórico para analisar os dados levantados ao longo desse processo de construção que buscam diretamente responder como se configura a divisão sexual do trabalho na produção de sulanca de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

A pesquisa com os sulanqueiros e sulanqueiras de Santa Cruz do Capibaribe que residem e produzem no mesmo espaço físico, possibilitou uma experiência impar na qual tive a oportunidade de estar sempre vendo refletido nesse trabalho fases particular de minha vida, pois me senti afetada como pesquisadora, mulher, militante e sulanqueira que já fui. Por não conseguir conciliar as atividades de trabalho e estudo tive que escolher entre continuar confeccionando ou concluir minha monografia do Curso de Serviço Social. Essa situação que considero ser um privilégio, possibilitou ter a visão de pesquisadora embasada pelo conhecimento científico a partir de uma teoria específica para o estudo do universo da divisão sexual do trabalho dentro da sulanca. Este outro lugar mim fez perceber a sobrecarga de trabalho e a dupla jornada que não conseguia quando fui a responsável pela administração de uma confecção e pela manutenção dos serviços domésticos. As mulheres participantes desta pesquisa também passam por essa situação, chegando a trabalhar horas afincas e ainda ter que dar conta das atividades necessárias para vida reprodutiva de sua família.

As sulanqueiras e os sulanqueiros alegam que as mulheres são mais comumente responsáveis pela tarefa de acabamento nas confecções, tarefa esta que segundo os próprios é a que possui maior valor agregado, entretanto nenhum deles nem delas disseram pegar a mais as mulheres por essa função. Mesmo desenvolvendo a etapa que deveria receber um pouco esse reconhecimento na forma de pagamento não se efetiva.

Outro aspecto da divisão sexual do trabalho no mix casa/fabricao são as relações de trabalho no que tange a contratação e apropriação da força de trabalho das mulheres por outras mulheres. Os dados mostram que as mulheres quando empregadoras preferem outras mulheres porque enxergam nas suas trabalhadoras a possibilidade de que elas possam executar atividade de trabalho no fabricao e trabalho doméstico. O que não acontece em relação à força de trabalho masculina. Portanto, a força de trabalho feminina tem que ser flexível, no sentido de estar aberta para assumir determinadas tarefas domésticas, caso seja necessário. Percebe-se uma configuração singular da divisão sexual do trabalho em que mulheres empregadoras usam de seu poder para explorar a força de trabalho de outras mulheres na realização de tarefas domésticas. Como não conseguem ter recursos para contratar uma trabalhadora para o lar, a empregadora aproveita para empregar uma força de trabalho abundante na região e de parentes ou agregados (irmã, prima, cunhada, vizinha etc.) que são capacitadas para a tarefa do fabricao e por ser mulher, sabem lidar com as situações de trabalhos de uma casa. Portanto, se efetiva neste intrincado modo de contratação do mix casa/fabricao uma relação social de classe entre as mulheres do mesmo nível social, mas com status diferentes. O que é um sinal da “consustancialidade: pensar conjuntamente as diferentes formas de divisão do trabalho e as divisões dentro de uma mesma classe” (KERGOAT 2016. pag. 22).

Os dados levantados na pesquisa mostram que os homens do mix casa/fabricao realizam trabalhos domésticos. Entretanto, eles assumem tarefas no âmbito do privado apenas para que as mulheres não precisem se afastar das atividades do fabricao. Os dados da quantidade de horas dos homens trabalhando nas atividades domésticas é bem menor em relação a das mulheres. O princípio da separação como preconiza Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) se efetiva de forma diferenciada, já que os homens ainda assumem algumas tarefas no âmbito doméstico, mas de forma efetiva os homens se encontram mais nas atividades da confecção. O fato de trabalharem juntos na produção de sulanca não é suficiente para levar a uma divisão sexual do trabalho que transforme as relações sociais de

sexo. Reafirma-se, assim, o que se convencionou social e historicamente, que a realização das atividades de reprodução é função feminina.

Os dados mostraram que a divisão sexual do trabalho se configura ao longo da vida de homens e mulheres. Devido o mix casa/fabrico ser na própria casa desde muito cedo as pessoas da família estão convivendo com essa atmosfera produtiva e todos/as indivíduos acabam desenvolvendo alguma tarefa na confecção. As mulheres, ainda adolescente, trabalhando em casas de família de sulanqueiros, como domésticas, acabavam aprendendo as tarefas do auxiliar de produção (separar, arrumar, tirar ponta de linha, embalar peças...). Como a atividade do fabrico é mais bem remunerada todas deixaram as atividades do cuidado para realizarem as da confecção. Já os homens quando não trabalhavam diretamente dentro das confecções trabalhavam nas feiras pegando frete ou vendendo verduras, cocadas, picolés e outras mercadorias. Todavia, o que chama a atenção não é apenas o fato terem iniciado a vida laboral na sulanca precocemente, mas permanecer nela, sem terem pensado e desejado uma formação acadêmica ou outro ramo de atuação no mercado de trabalho. Fica a impressão de que existe uma satisfação ou uma acomodação com o tipo de trabalho no qual se encontram até hoje. Os dados da pesquisa mostram que algumas características do processo de produção fazem com que permaneçam na atividade de operários da sulanca. Uma delas é a situação de ser um trabalhador autônomo, que pretensamente controla sua carga horária, o contentamento por poder propiciar novos empregos nos períodos de aquecimento de vendas, possuir o controle sobre seus rendimentos. Entretanto, a vivência destas situações não é homogênea para os homens e mulheres. No caso das mulheres a jornada de trabalho se apresentou de forma diferenciada, tanto pela sua extensão como por sua sobrecarga no exercício das tarefas da casa e do fabrico. A presença de uma imensa dificuldade de organizar e usar o tempo para desenvolver as atividades da vida pública e da vida privada coloca-se como um desafio, principalmente para elas por terem que assumir as atividades do lar, quando não realizadas por elas são feitas pelas filhas ou sogras. Portanto, é uma situação das relações sociais de sexo que concorre para manter a divisão sexual do trabalho nos moldes tradicionais calcados nos princípios de separação e hierarquia. Políticas públicas deveriam ser pensadas e efetivadas de acordo com às necessidades das mulheres tanto as trabalhadoras em domicílio quanto as externas, pois na maioria das vezes as relações sociais de sexo não são balizadoras da formulação, execução e implementação das políticas.

Outro aspecto que os dados da pesquisa demonstram diferenças no modo de trabalhar e viver no mix casa/fabrico é o fato de que elas trabalham mais, somando-se o tempo das atividades econômicas e domésticas, e metade delas não souberam ou não quiseram quantificar claramente o quanto recebem e nem diferenciam o quanto do que recebem é usado para ser gasto/investido em satisfação pessoal daquele destinado as despesas da casa. Os homens conseguem fazer esta separação bem nítida entre o que é do uso individual e privado ou com a família, pois conseguem relatar e discriminar numericamente os valores que gasta em cada situação. Para elas como o mix casa/fabrico é no domicilio fica difícil e quase não sobra tempo para atividades externas elas não conseguem fazer esta distinção tão claramente. Esta forma distinta de lidar com o dinheiro é também parte do principio de separação, pois se existe trabalho de homem e trabalho de mulher, existe também uma conformação atitudinal dos homens de lidarem com o que ganham no mundo da produção e uma conformação atitudinal das mulheres lidarem com seus ganhos. As mulheres vão priorizar seus gastos com o bem estar da família, porque se convencionou que as mulheres pensam primeiro nos maridos, filhos e outros familiares. Portanto, esta situação mostra uma sinalização de certa disparidade salarial entre os casais do mix casa/fabrico. Lembrando ainda da parte que a pesquisa aponta quando vem tratar se elas são contribuintes para o orçamento doméstico e todas respondem que sim, porém um diz que não sabe quantificar a porcentagem de sua participação e três alegam não saber o quanto em salario recebem. Fica uma interrogação, será que não sabem ou sabem e não quiseram dizer?

Com relação à jornada de trabalho, ficou visível que a ideia de quem trabalha por conta própria e de preferência em casa pode fazer seu horário, nos casos estudados não se torna verdade, diante do fato de que foi unanime a reclamação quanto à falta de tempo para o descanso, lazer, participação social e até levar os filhos e filhas a escola.

A vivência das horas livres para todos eles são horas para o descanso, mas para as mulheres esse momento é para desenvolver atividades de manutenção da casa e da família. O uso do tempo é distinto para os sexos. Segundo Dedeca (2004) o número de horas que mulheres e homens trabalhadores usam para as tarefas domésticas é bem distinto. Em uma jornada de trabalho com oito horas diárias a mulher trabalha mais uma jornada com as tarefas de reprodução da vida social cerca de quatro a seis horas (dupla jornada). Já o

homem gasta no máximo duas horas com as tarefas domésticas. O homem tem mais tempo para descansar do que a mulher, consequentemente produzirá mais e receberá mais.

Diante disso, é salutar que o Serviço Social esteja atento as condições do principal público usuário dos serviços e das políticas públicas que são as mulheres, como também perceber o olhar masculino lançado para esse quadro já que muitas vezes a formulação dessas políticas é dos homens. E que pouco adiantaria ser o espaço de formulação ocupado por mulheres se não houver a sensibilização para as raízes da desigualdade entre os sexos. As políticas precisam de terem presentes em seu bojo metas de superação desse hiato nas relações sociais de sexo observando a transversalidade dessas questões nas mais diversas áreas da esfera pública de interesse coletivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lucilde D’Ajuda Lyra de. *Trabalho em Domicílio: Histórico e Perspectivas – O Teletrabalho*. Rev. TST. Brasília, vol.71, nº 2, maio/ago 2005.

ANTUNES, R. *A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências*. In: _____. (orgs.). *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____.(org.) *A Dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. *O caracol e sua concha ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2005.

ÁVILA, Maria Betânia. FERREIRA, Verônica.(orgs) *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. SOS Corpo Instituto Feminista para Democracia; Instituto Patricia Galvão. Recife. 2014.

BERTANI, Íris Fenner. *As transformações do mundo do trabalho e as consequências na subjetividade dos indivíduos*. Katálisis, Florianópolis v.7 n. 2 jul/dez 2004.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

_____.; RICOLDI, M. A.; MERCADO, M. C.; *Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. Mercado de Trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008 420p.

CARVALHO, Clarissa; SILVA, Sandra Roberta A. *Diálogo social: mulheres costurando direitos*. Santa Cruz do Capibaribe: Secreatria da mulher de Pernambuco, 2015.

CISNE, Mirla. *Gênero. Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social*. 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

_____. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, Ana Alice; OLIVEIRA, Eleonora; LIMA, Maria E. Bezerra de; SOARES, Vera. *Reconfiguração das relações de gênero no trabalho*. [org] 1ª ed. São Paulo: CUT Brasil, 2004.

DEDECA, Claudio Salvadori. *Tempo, Trabalho e Gênero. In Reconfiguração das relações de gênero no trabalho.* COSTA, Ana Alice ; OLIVEIRA, Eleonora; LIMA, Maria E. Bezerra de; SOARES, Vera. Reconfiguração das relações de gênero no trabalho. [org] 1ª ed. São Paulo: CUT Brasil, 2004.

ENGELS, Friederich. *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.* In ANTUNES, R. *A dialética do trabalho. Escritos de Marx e Engels.* _____. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FRIGOTTO, G. Trabalho. In. PEREIRA, I.B & LIMA, J.C.F. *Dicionário da Educação Profissional em Saúde.* Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Fiocruz, 2006.

GUILLAUMIM, Collete. TABET, Paola. MATHIEU, Nicole Claude. *Practica del poder e idea de naturaliza.* In: *El patriarcado al desnudo.* Brecha Lésbica. Boenos Aires. 2005

GUIRALDELLI, Reginaldo. *Adeus à divisão sexual do trabalho? Desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção.* Revista Sociedade e Estado - Volume 27 Número 3 - Setembro/Dezembro 2012.

KERGOAT, Danièle. *Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão.* In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira; HIRATA, Helena; SORJ, Bila (Orgs.). Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

HIRATA, Helena; ABREU, Alice Rangel de Paiva; LOMBARDI, Rosa Maria. *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais.* 1 edição- São Paulo: Boitempo, 2016.

_____ ; *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.* In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

KERGOAT, Daniele. *O cuidado e a imbricação das relações sociais.* In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; LOMBARDI, Rosa Maria. *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais.* 1 edição- São Paulo: Boitempo, 2016.

LAKATOS, Eva Maria. e MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica 1,* Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LARO, Maria et alli. *Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michèle Ferrand*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3), set/dez, 2005.

MATOS, Maria Izilda & BORELLI, Andrea. *Espaço feminino no mercado produtivo*. In: PINSKY, Carla Bassanezi & PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, Karl. *Processo de trabalho e processo de valorização*. In ANTUNES, R. *A dialética do trabalho. Escritos de Marx e Engels*. _____. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenha.

_____ - *O Desafio do Conhecimento-Pesquisa Qualitativa em Saúde* - São Paulo: Hucitec, 8ª edição, 269 p 2004.

_____ ; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MORGANE, Mirela Marin. e NADER, Maria Beatriz. *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico*. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio. Agosto de 2014.

NARVAZ, Marta Giudice. e KOLLER, Silva Helena. *Família e Patriarcado: da prescrição normativa a subversão criativa*. Psicologia e Sociedade; 18(1): 49-55; jan/abr. 2006

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio: Paz e Terra. 1993.

PEREIRA NETO, E. V. *Qualificação e informalidade: os modos de atuação do SENAI no Polo de Confecções de Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo*. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SEBRAE, *Estudo de Caracterização Econômica do Polo de Confecções do Agreste Pernambucano*. Recife, 2003. FADE-UFPE.

SEDAMA. SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO, AGRICULTURA E MEIO AMBIENTE. *As fronteiras das atividades empreendedora baseada no Moda Center Santa Cruz*. 2014.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. *O polo de confecções de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem*. Campina Grande: mimeo, 2011.

_____ ; SANTANA, Marco Aurélio (Organizadores). *Trabalho em Territórios Produtivos Reconfigurados no Brasil*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

Documentário:

Sulanca: A evolução econômica das mulheres de Santa Cruz do Capibaribe. (1986) Direção de Kátia Mesel. ARRECIFE- Produções Cinematográficas.

Fonte Eletrônica:

DEVREUX, Anne-Marie. *A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina*. Soc. estado. vol.20 no.3 Brasília Sept./Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922005000300004&script=sci_arttext. acessado em 12/05/2015.

EBRAHIM, Raíssa. *Polo de Confecções do Agreste: da Sulanca à industrialização*. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2014/12/14/polo-de-confeccoes-do-agreste-da-sulanca-a-industrializacao-160371.php> Acessado em 02/02/2016.

HIRATA, Helena. *Globalização e divisão sexual do trabalho*. Cadernos Pagu, 2001, pp.139-156. Disponível em: <http://www.scielo.br/pa/n17-18/n17a06> acessado em 14/05/15.

HOLZMANN, Lorena. *Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas* Sociologias no.4 Porto Alegre July/Dec. 2000 disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222000000200010> acessado em 30/05/2016.

MEIRELLES, Ricardo M. R.¹; HOHL, Alexandre. Saúde masculina: tão negligenciada, principalmente pelos homens. Vol.53 no.8, São Paulo Nov. 2009. em: Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia. Acessado em 29/10/2016.

MINAYO, Maria Cecília de S. e SANCHES, Odécio. *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?* Cad. Saúde Pública vol.9 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 1993 Disponível em : <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>. Acessado em 10/05/2016.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. In: *Psicol. Soc.* vol.18 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007> . Acessado em 15/05/2012.

_____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004 (Coleção Brasil Urgente).

AGUIAR, Neuma. *Patriarcado, sociedade e patrimonialismo*. Sociedade e Estado. vol.15 no. 2 Brasília Jun/Dec. 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922000000200006> .Acessado em: 29/10/2016.

Terra da sulanca: Santa Cruz do Capibaribe/PE. Disponível em: www.geocities.com/sulanca. Acessado em 05/08/2005.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Feminismo Radical – Pensamento e Movimento*. Travessia Ed. 4. 1982. em: [e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3107/2445](http://revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3107/2445). Acessado em: 11/10/2016.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Quais os fatores que levaram você a se tornar uma confeccionista\sulanqueira?
2. Onde procura por informações sobre seguimento de confecção de sulanca?
Como isso acontece?
3. Como é a divisão do trabalho em sua atividade? Quem assume o que no processo de produção?
4. Quais suas considerações acerca das suas condições de trabalho?
5. Queixa-se de algum problema de saúde causado pelo trabalho?
6. Como você vivencia as horas livres de trabalho?
7. O que gostaria de modificar para melhoria de sua condição de mulher sulanqueira?
8. Você se sente realizada profissionalmente?
9. O que mais te realiza neste tipo de trabalho?
10. Após a inserção na sulanca o que mudou principalmente em sua vida (aspectos sociais, econômicos, profissionais)?
11. Você sente que seu trabalho é mais valorizado ou menos valorizado que o dos homens? Em que situação?
12. Para a mesma atividade você paga salários iguais ou diferentes para homens e mulheres?
13. Você realiza as tarefas domésticas em sua residência?
14. Seu companheiro também participa do processo de confecção?
15. Seu companheiro também participa na execução das tarefas domésticas?
16. Você consegue diferenciar tempo de trabalho na produção e tempo de trabalho nas tarefas domésticas?
17. Como você concilia estas duas etapas da sua vida?
18. Participa de alguma entidade organizativa do ramo da sulanca?
19. É vinculada a alguma associação, movimento social ou partido político?

QUESTIONÁRIO

DADOS PESSOAIS

1. Nome _____
2. Naturalidade: _____ Cidade: _____ UF _____
3. Cor: _____
4. Idade: _____
5. Escolaridade: _____
6. Em relação ao seu companheiro, indique:
 - 6.1. Idade: _____ 6.2. Ocupação: _____ 6.3. Escolaridade: _____
 - 6.4. Contribui para o orçamento doméstico? Sim () Não ()

6.5. Em caso positivo, qual é a porcentagem de contribuição?

7. Você tem filhos/as e/ou enteados? Sim () Não ()

8. - A quantidade de filhos e/ou enteados que tenho, de acordo com a idade, é...

| | | | | | |
|--|---------|--|-----------------|--|--------------------|
| | De 0 a | | De 13 a 18 anos | | Maiores de 18 anos |
| | 12 anos | | | | anos |

9. Com quem você mora? E qual o tipo de moradia?

10. Qual seu rendimento semanal? _____

11. Você contribui para o orçamento de seu grupo familiar ou seus rendimentos são somente para você? Caso contribua, qual é a porcentagem?

12. Quando estou em casa sou responsável pelas seguintes tarefas...

| Ordem | Atividade | Execução | | | | |
|-------|---|-------------|-----------------|-----------------------|----------------|-----|
| | | Sim sozinha | Sim maior Parte | Igualmente Com alguém | Sim, Mas pouco | Não |
| A | Cuidar das crianças/adolescentes | | | | | |
| B | Cuidar das pessoas que precisam de atenção especial | | | | | |
| C | Fazer limpeza | | | | | |
| D | Fazer compras | | | | | |
| E | Cozinhar | | | | | |
| F | Lavar/ passar roupas | | | | | |
| G | Serviço de manutenção da casa (reparos) | | | | | |

13. Você tem divide com outra (as) pessoas as tarefas/ocupações/atividades domésticas?

Sempre () Algumas vezes () Não ()

14. Quem é (são) esta(s) pessoa(s)? Qual a frequência desta ajuda?

DADOS PROFISSIONAIS

14. Há quanto tempo você trabalha na confecção?

15. Qual tipo de atividade você realiza no processo de produção?

16. Como foi seu processo de aprendizagem nesta atividade?

17. Você já fez alguma qualificação profissional? Qual? Onde?

18. Quando você tornou-se proprietária do fabrico?

19. Atualmente estar em que condição de trabalho:

() formal () informal

20. Já teve outro emprego antes? Se sim qual?

21. Quantas horas você trabalha por dia na confecção?

22. Quantas horas você trabalha exercendo tarefas domésticas?

23. Quem administra o orçamento doméstico?

() eu () ele () nós

24. Quem administra a confecção?

() eu () ele () nós

25. Quem toma a decisão de contratar e ou demitir?

() eu () ele () nós

26. Existe preferência por contratar uma mulher ou um homem? Por quê?

ETAPAS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

27. Quem desenvolve cada etapa do processo de produção em seu fabrico:

| Etapa | Mulher | Homem | Ambos |
|----------------------|--------|-------|-------|
| Enfestar | | | |
| Cortar | | | |
| Estampar | | | |
| Empanar | | | |
| Abanhar | | | |
| Bordar | | | |
| Dobrar\embalar | | | |
| Modelagem | | | |
| Empacotar | | | |
| Comercializar | | | |
| Pagamentos e compras | | | |
| Controle de estoque | | | |

28. Qual a periodicidade de pagamento aos/as trabalhadores/as?

semanal quinzenal mensal

29. Formas de pagamento da produção:

por produção por etapa pagamento fixo pré-acordado

30. Qual etapa do processo de produção é mais valorizada em termos salariais em sua confecção?

31. Quem mais exerce esse tipo de atividade?

32. Como ocorre a qualificação profissional dos/as trabalhadores/as do seu empreendimento?

ANEXOS**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

**Titulo da Pesquisa: A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA
SULANCA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE**

Eu, MARIA TEREZA DE AVILA MELO, estudante portadora do RG:6870320 declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, março 2016

Pesquisador Responsável

Orientador

Orientando

**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM CUMPRIR OS
TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS**

**Pesquisa: A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA *SULANCA*
EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE**

Eu, Edil Ferreira Silva, Professor do Curso de Pós-graduação de Serviço Social, da Universidade Estadual da Paraíba, portador(a) do RG: e CPF: ___/___/___-___ comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande , março 2016

Assinatura do(a) Pesquisador responsável

Orientador(a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA SULANCA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE**”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO DA SULANCA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE** terá como objetivo geral Analisar como se configura a divisão sexual do trabalho no mix casa/fabrico da cidade de Santa Cruz do Capibaribe/PE.

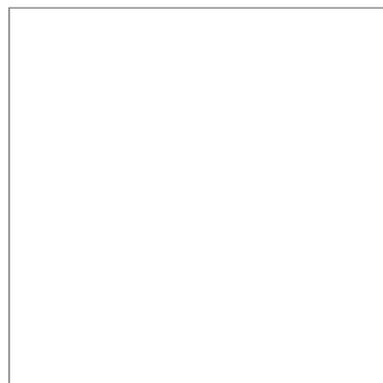
- Ao voluntário só caberá à autorização para responder ao questionário e a entrevista e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (081- 99209-5506).
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja
possível a coleta da assinatura do participante da
pesquisa)



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada A Divisão Sexual do Trabalho na produção de Sulanca em Santa Cruz do Capibaribe-PE poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Maria Tereza de Ávila Melo a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora coordenadora da pesquisa Maria Tereza de Ávila Melo, e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, marco de 2016.

Assinatura do participante da pesquisa

**Assinatura e carimbo do pesquisador
responsável**

Glossário

- 1- *abanhar* – etapa de acabamento, geralmente para embutir a parte onde o tecido foi cortado.
- 2- *aparas* - sobras de tecidos, retalhos.
- 3- *cadeira de macarrão* – cadeira de ferro forrada com um fio plástico com o meio oco , parece espaguete.
- 4- *desavessar* – desvirar as peças quando costuradas pelo avesso. Geralmente quem faz essa etapa também reorganiza as peças para a próxima etapa.
- 5- *empanar* – as primeiras costuras que unem as partes de tecido das peças.
- 6- *enfestar* – retirar, desenrolar os tecidos das peças, completas ou não, e dobra-lo quantas vezes necessário dentro da marcação do risco para o corte.
- 7- *facção* – unidades de produção que ficam em outros espaço. Geralmente em outra casa, onde se faz todas ou partes das etapas da confecção.
- 8- *fardos* – fazer fardos consiste em pegar os pacotes (de 10, 12 ou 50) peças e ensacar.
- 9- *máquina de pé* – máquina que faz uma costura simples, de uma agulha, geralmente chamada também de máquina comum, mas sem o motor.